

2574
Bernardim Ribeiro • 869.8

R475-me
1905



Edição dirigida por

Delfim Guimarães

Lisboa — 1905 * * * * *

Livraria Editora: GUIMARÃES & C.^o

68, Rua de S. Roque, 70 * * * * *

SAUDADES

OBRAS DE DELFIM GUIMARÃES

PROSA:

- Alma dorida**, com prefacio de Teixeira Bastos, 1 vol., brochado 500 réis
- Carteira d'um poeta**, (não entrou no mercado).
- A «Viagem por terra» do sr. João Penha** (critica literaria) 1 fol..... 100 »
- O Rosquedo**, (scenas da vida da provincia—Ponte do Lima—Minho)..... 200 »

A PUBLICAR:—**Historias do Minho.**

TEATRO:

- Aldeia na Côrte**, drama em 3 actos, de colaboração com *D. João da Camara*, representado pela primeira vez no Teatro D. Amelia na noite de 5 de junho de 1901, 1 vol., brochado 500 réis
- Juramento Sagrado**, comedia em um acto em verso, representada pela primeira vez no Teatro de D. Maria II, na noite de 16 de Dezembro de 1902, 1 folh. 200 »

A PUBLICAR:—**Domingo de Pascoa** (peça em 4 actos)

VERSO:

- Lisboa negra**, 1 fol..... 200 réis
- Confidencias**, 1 vol. brochado..... 400 »
- Evangelho**, 1 vol. brochado..... 400 »
- Não! Mil vezes não!** 1 fol..... 200 »
- Sim! Mil vezes sim!** 1 fol..... 100 »
- Sonho garretteano.** (esgotado).....
- A Virgem do Castelo**, (esgotado)....
- Outonaes**, 1 vol. brochado 500 »

COLLEÇÃO HORAS DE LEITURA

BERNARDIM RIBEIRO

SAUDADES

(Primeiro livro)

Edição dirigida e revista

POR

DELFIN GUIMARÃES



LIVRARIA EDITORA
GUIMARÃES & C.ª

68, Rua de S. Roque, 70

LISBOA

1905

B69.8

R475 m-e

1905

v.1

63-304249

4-63

SAUDADES * * * * *
de * * * * *
Bernardim Ribeiro * * *
Edição dirigida * * * * *
por * * * * *
Delfim Guimarães * * *



ADVERTENCIA



ONTRIBUIR para a vulgarização do adoravel volumezinho que torna imorredoiro o nome de Bernardim Ribeiro, quer-me parecer uma boa acção.

Por isso, me encarreguei gostosamente de dirigir esta edição das «*Saudades*», tarefa que não é de molde a conquistar louros, mas que não reputo banal nem despida de algum merito.

Tratando se de uma edição popular, entenderam os editores, e a meu ver judiciosamente, que se não devia fazer uma simples reimpressão de qualquer das edições conhecidas do livro de Bernardim, o que poderia ser muito apreciado de eruditos e estudiosos, mas que condenaria, fatalmente, o volume a uma existencia ingloria.

Consultando as edições das «*Saudades*», e seguindo, criteriosamente, os textos; procurando interpretar o mais fielmente possivel a ideia de Ber-

nardim Ribeiro, e estudando com atenção as variantes que as diversas edições salientam; modificando uma ou outra palavra caída em desuso; aclarando uma ou outra passagem de compreensão embaraçosa, e por vezes quasi enigmatica; — tornava-se mister preparar o original que servisse para a factura d'esta edição, e que, sem alterar sensivelmente a linguagem inconfundivel da obra, e sem desvirtuar o pensamento do seu autor, collocasse as «*Saudades*» ao alcance do grande publico, tornando conhecida, lida e estimada uma obra de peregrino brilho, um dos mais belos florões da nossa litteratura.

A esse trabalho meti hombros, e dispensei-lhe a melhor vontade e carinhoso amor; procurando suprir o que me mingoasse em competencia á força de cuidado.

Como me saí da empreza, não sei, nem a mim cumpre averiguá-lo.

Diz-me a consciencia que procedí com o zelo e a probidade com que se haveria o artista que fosse chamado a retocar um quadro de mestre; porque, embora esse artista fosse, como eu, dos mais modestos, todos os seus cuidados havia de empregar para *se haver na justa grandemente*, como diria o nosso Bernardim!

A edição ahi fica.

Julguem-na os que tem competencia para fazê-lo.
Lisboa, 4 de agosto de 1905.

DELFIN GUIMARÃES.



SAUDADES

DE

BERNARDIM RIBEIRO

CAPITULO I

Em que a donzela começa a sua historia

MENINA e moça, me levaram de casa de meu pae para longes terras. Qual fosse então a causa d'aquella minha levada, — era eu pequena, — não a soube. Agora, não lhe ponho outra, senão que já então, parece, havia de ser o que depois foi.

Vivi ali tanto tempo, quanto foi necessario para não poder viver em outra parte.

Muito contente fui eu n'aquella terra; mas, coitada de mim, em breve espaço se mudou tudo aquilo que longo tempo se buscou, e para longo tempo se buscava! Grande desventura foi a que me fez ser triste, ou a que, porventura, me fez ser leda!

Mas depois que vi tantas cousas trocadas por outras, e o prazer feito mágoa maior, a tanta tristeza cheguei que mais me pesava do bem que tive, que do mal que tinha.

Escolhi para meu contentamento (se entre tristezas e saudades ha algum) vir viver para este monte, onde o lugar, e mingoa da conversação da gente, fosse como para meu cuidado cumpria: porque grande erro fôra, depois de tantos desgostos, quantos eu com estes meus olhos vi, aventurar-me ainda a esperar do mundo o descanso que êle nunca deu a ninguem! — Estando eu aqui só, tam longe de toda a outra gente, e de mim ainda mais longe; d'onde não vejo senão serras, de um lado, que se não mudam nunca, e do outro agoas do mar, que nunca estão queadas, cuidava eu já que esquecia á desventura, porque éla, e depois eu, com todo o poder que ambas pudemos, não deixámos em mim nada em que pudesse nova mágoa ter lugar, — antes havia muito tempo que tudo era povoado de tristezas, e com razão. Mas parece que, em desventuras, ha mudanças para outras desventuras; porque, no bem, não as havia para outro bem; e foi assim que, por caso estranho, fui levada a um lu-

gar onde me foram ante os meus olhos apresentadas, em cousas alheias, todas as minhas angustias; e o meu sentido d'ouvir não ficou sem sua parte da dôr.

Ali vi então, na piedade que tive d'outrem, quam grande a devêra ter de mim, se não fôra tam demasiadamente mais amiga de minha dôr do que parece que foi de mim quem me é causa d'êla; mas tamanha é a razão porque sou triste que nunca me veio mal nenhum que eu não andasse em busca d'êle.

D'aqui me vem a mim a parecer que esta mudança, em que me eu vi, já então começava a buscar, quando esta terra, onde me éla aconteceu, me aprouve mais que outra nenhuma, para vir aqui acabar os poucos dias de vida que eu cuidei que me sobejavam. Mas n'isto, como em outras coisas muitas, me enganei eu. Agora, ha já dous annos que estou aqui, e não sei ainda tam sómente determinar para quando me aguarda a derradeira hora! Não póde já vir longe!

Isto me poz em duvida de começar a escrever as cousas que vi e ouvi.

Mas, depois, pensando comigo, disse eu que reccar de não acabar de escrever o que

vi, não era cousa para o deixar de fazer; pois não havia de escrever para ninguém, senão para mim só. Quanto mais que, em cousas não acabadas, não havia de ser esta a primeira: pois quando vi eu prazer acabado, ou mal que tivesse fim?! Antes me pareceu que este tempo que heide estar aqui n'este ermo (como a meu mal aprouve) não o podia empregar em cousa que mais de minha vontade fosse: — pois Deus quiz que assim minha vontade seja.

Se em algum tempo se achar este livrinho na mão de pessoas alegres, não o leiam, que, porventura, parecendo-lhe que seus casos serão mudaveis, como os aqui contados, o seu prazer lhe será menos prazer. Isto, onde eu estivesse, me doeria, porque assaz bastava eu nascer para minhas mágoas, quanto mais ainda para as d'outrem. Os tristes o poderão lêr: mas ahi não os houve mais, homens, depois que nas mulheres houve piedade; mulheres, sim, porque sempre nos homens houve desamôr: mas para elas não o faço eu, pois que o seu mal é tamanho que se não póde confortar com outro nenhum. Para as mais entristecer, sem-razão seria querer eu que o lessem elas; antes lhes

peço muito que fujam d'êle e de todas as cousas de tristeza, que, ainda com isto, poucos serão os dias que hão de poder ser ledas, — porque assim está ordenado pela desventura com que élas nascem.

Para uma só pessoa podia êle ser; mas d'esta não soube eu mais, pois que as suas desditas, e as minhas, o levaram para longes terras estranhas, onde bem sei eu que, vivo ou morto, o possui a terra sem prazer nenhum. Meu amigo verdadeiro, quem vos levou para tam longe de mim? Vós comigo, e eu convosco, sós, sabíamos suportar nossos grandes desgostos, e tam pequenos para os de depois! A vós, contava eu tudo. Como vós vos fostes, tudo se tornou tristeza; nem parece senão que já estava espreitando que vos fosseis. E para que tudo mais me magoasse, nem tam sómente me foi deixado, em vossa partida, o conforto de saber para que parte da terra ieis, porque descansariam os meus olhos em levarem para lá a vista!

Tudo me foi tirado no meu mal; remedio nem conforto, nenhum houve ahi. Para morrer mais depressa, me pudera isto aproveitar; mas, para isso, não me aproveitou. Ainda convosco usou a vossa desventura algum

modo de piedade (dos que não costuma ter com nenhuma pessoa) em vos alongar da vista d'esta terra; pois que, se para não sentirdes mágoas não havia remedio, para as não ouvirdes vo-lo deu. Coitada de mim, que estou falando, e não vejo eu agora que leva o vento as minhas palavras, e que me não póde ouvir a quem eu falo! Bem sei eu que não era para isto a que me agora quero pôr; que o escrever alguma cousa pede muito repouso; e a mim as minhas mágoas ora me levam para um extremo, ora para outro; trazem-me assim, que me é forçoso tomar as palavras que me élas dão, porque não sou tam constringida a servir o engenho, como a minha dôr. D'estas culpas me acharão muitas n'este livrinho: mas da minha ventura foram élas. Ainda que, quem me manda a mim olhar por culpas, nem por desculpas?

O livro ha de ser do que vae escrito n'êle. Das tristezas não se póde contar nada ordenadamente, porque desordenadamente acontecem élas. Tambem, por outra parte, não se me dá nada que o não leia ninguem; que eu não o faço senão para um só, ou para nenhum; pois d'êle, como disse, não sei novas, tanto ha.

Mas, se ainda me está guardado, para me ser em algum tempo outorgado, que este pequeno penhor de meus longos suspiros vá ante os seus olhos, muitas outras cousas desejo, mas esta me seria assaz.





CAPITULO II

Em que a donzeia vaæ proseguindo a sua historia

NESTE monte, mais alto de todos, (que eu vim buscar pela soledade, diferente dos outros, que n'êle achei) passava eu a minha vida como podia, ora em me ir pelos fundos valles que o cingem derredor, ora em me pôr, do mais alto d'êle, a olhar a terra como ia acabar no mar, e depois o mar como se estendia logo após éla, para acabar onde ninguem o visse.

Mas, quando vinha a noite, entregue a meus pensamentos, e via as aves buscarem seus pousos, umas chamarem as outras, parecendo que queria socegar a terra mesma; então eu, triste, com os cuidados dobrados com que amanhecia, me recolhia á minha

pobre casa, onde Deus me é boa testemunha de como as noites dormia!

Assim passava eu o tempo, quando uma das passadas noites, pouco ha, levantando-me, vi a manhan que se erguia formosa, e se estendia graciosamente por entre os valles, indo a deixar os altos.

O sol, já levantado até aos peitos, vinha tomando posse dos outeiros, como quem se queria assenhorear da terra.

As doces aves, batendo as azas, andavam buscando umas ás outras; os pastores, tangendo as suas flautas, e rodeados dos seus gados, começavam a assomar pelas cumiadas.

Para todos, parecia que vinha aquele dia assim ledó. Só os meus cuidados, vendo, parece, como vinha poderoso seu contrario, se recolhiam a mim, pondo ante meus olhos para quanto prazer e contentamento pudera aquele dia vir, se não fôra tudo tam mudado; d'onde o que fazia alegre a todas as cousas, a mim só teve causa de fazer triste!

E como os meus cuidados, para o que tinha a ventura ordenado, me comessem de entrar pela lembrança de algum tempo, que foi, e que nunca fôra, assenhorearam-se as-

sim de mim que não me podia já sofrer junto de minha casa, e desejava ir-me para lugares sós, onde desabafasse em suspirar.

E ainda bem não foi alto dia quando eu (parece que acinte) determinei ir-me para o pé d'este monte, que d'árvoredos grandes, e verdes ervas, e deleitosas sombras, é cheio; por onde corre um pequeno ribeiro de agoa de todo o anno, que, nas noites caladas, o rugido d'êle faz no mais alto d'este monte um saudoso tom, que muitas vezes me tolhe o sôno; onde, outras muitas, vou eu levar minhas lagrimas, e onde, muitas, infinitas, as torno a beber.

Começava então de querer cair a calma: e no caminho, com a pressa, por fugir d'êla, ou pela desventura que me levava a mim, três ou quatro vezes caí; mas eu (que, depois de triste, cuidei que não tinha mais que temer) não olhei nada para aquilo, em que me parece que Deus me queria avisar da mudança que depois havia de vir. Chegando á borda do rio, olhei para onde haveria melhores sombras. Pareceram-m'ó as que estavam além do rio. Disse então que n'aquilo se enxergava que era desejado tudo o que com mais trabalho se podia haver; porque não se

podia ir além sem se passar a agoa, que corria ali mansa e mais alta que na outra parte.

Mas eu (que sempre folguei de buscar meu dano) passei além, e fui-me assentar sob a espessa sombra de um verde freixo, que, para baixo um pouco, estava.

Algumas das ramas estendiam-se por cima d'agoa, que ali fazia algum tanto de corrente, e impedida por um penedo, que no meio d'ela estava, se partia para um e outro lado, murmurando.

Eu, que os olhos levava ali postos, comecei a pensar que também nas cousas que não tinham entendimento havia fazerem-se dano umas ás outras.

Estava d'ali aprendendo a tomar algum conforto no meu mal: porque assim aquêlê penedo estava contrariando aquêla agoa que queria ir seu caminho, como as minhas desventuras de outro tempo costumavam fazer a tudo o que eu mais queria,—que já agora não quero nada. E crescia-me d'aquilo um pesar!

Ao cabo do penedo, tornava a agoa a juntar-se, e ir seu caminho sem estrondo algum, antes parecia que corria ali mais depressa que pela outra parte: e dizia eu que seria

aquilo para se afastar mais rapidamente d'aquelle penedo, inimigo de seu curso natural, que, como por força, ali estava.

Não tardou muito que, estando eu assim pensando, sobre um verde ramo que por cima da agoa se estendia, se veio pousar um rouxinol. Começou a cantar tam docemente que de todo me levou após si o meu sentido d'ouvir. E êle cada vez crescia mais em seus queixumes, que parecia que, como cansado, queria acabar, senão quando tornava, como que começava.

Então (triste da avesinha) estando-se assim queixando, não sei como, se caiu morta sobre aquella agoa! Caindo por entre as ramas, muitas folhas caíram tambem com éla. Pareceu aquilo sinal de pesar, n'aquelle arvoredo, por caso tam desastrado.

Levava-a após si a agoa, e as folhas após éla. Quizera-a eu ir apanhar, mas pela corrente que ali fazia, e pelo mato que d'ali para baixo, cerca do rio, logo estava, prestemente se me alongou da vista.

O coração me doeu tanto, então, em vêr tam depressa morto quem d'antes, tam pouco havia, vira estar cantando, que não pude ter as lagrimas.

Certamente que por causa do mundo, depois que perdi outra cousa, me não pareceu a mim que assim chorasse de vontade; mas em parte este meu cuidado não foi em vão; porque, ainda que a desventura d'aquella avesinha fosse causa de minhas lagrimas, lá, ao sair d'elas, foram juntas outras muitas lembranças tristes.

Grande pedaço de tempo estive assim embargada dos meus olhos, entre os cuidados que muito havia que me tinham já então, e ainda terão, até que venha o tempo em que alguma pessoa estranha, com dó de mim, com as suas mãos cerre estes meus olhos, que nunca foram fartos de me mostrarem magoas de si.

E estando assim, olhando para onde corria a agoa, ouvi bulir o arvoredado. Cuidando que fosse outra cousa, tomou-me medo; mas, olhando para ali, vi que vinha uma mulher; e, pondo n'ela bem os olhos, vi que era de corpo alto, disposição boa, e o rosto de dona, senhora do tempo antigo. Vestida toda de preto, no seu manso andar, e meneios seguros do corpo, do rosto e do olhar, parecia d'acatamento. Vinha só, e parecia tam pensativa que não apartava os ramos de si

senão quando lhe impediam o caminho, ou lhe feriam o rosto.

Os seus pés trazia por entre as frescas ervas, e parte do vestido estendido por élas. E, entre uns vagarosos passos que éla dava, de quando em quando colhia um cansado folego, como que lhe queria falecer a alma.

Sendo cerca de mim e me viu, ajuntando as mãos á maneira de medo de mulher, um pouco, como que vira cousa desacostumada, ficou; e eu tambem assim estava,— não de medo, que a sua boa sombra logo m'ò não consentiu, mas da novidade d'aquilo que ainda ali não vira, havendo muito que, por meu mal, tinha frequentado aquele lugar, e toda aquella ribeira.

Mas não esteve éla muito tempo assim, porque, parece, conhecendo tambem que estava com uma boa sombra, começou a dizer, vindo ao meu encontro :

—«Maravilha é ver donzela em ermo, depois que a minha grande desventura levou a todo o mundo o meu. . .

E d'ahi a grande pedaço, misturado já com lagrimas, disse :

— « . . . filho ! »

Depois, tirando um lenço, começou a lim-

par o rosto, e a chegar-se para aonde eu estava.

Levantei-me eu então, fazendo-lhe aquela cortezia, que éla, com a sua, e consigo mesma, me obrigava.

E éla:

—«O descostume grande, (me disse) ha muito tempo que vivo n'este ermo, de ver pessoa alguma, me faz, senhora, desejar saber quem sois, e que fazeis aqui, ou que viestes a fazer, formosa e só.»

Como eu um pouco tardava em lhe responder, pela duvida em que estava do que lhe diria, (parece que entendendo-me éla) me tornou:

—«A mim, podereis dizer tudo, que eu sou mulher como vós, e, segundo vossa presença, vos devo ainda ser muito semelhante; porque me parece (agora que vos ólho de mais perto) que deveis ser triste, que vossos olhos teem vossa formosura desfeita, e, ao longe, não se enxergava.»

—«Pareceis vós logo ao longe (respondi eu) o que sois ao perto; e não vos saberia negar cousa em que de mim vos servisseis; que os vossos trajos, e tudo o que vos eu ólho, vem cheio de tristeza, cousa a que eu

sou ha muito tempo conforme; e porque posso mal encobrir o senhorio que, eu mesma, ás longas mágoas sobre mim tenho dado, não me quero rogar, antes vos devia ainda agradecer quererdes saber de mim o que quereis, para ser ao menos meu mal escutado alguma hora!»

—«Pois dissei-m'ó (me tornou éla) que, ficardes-me devendo ouvir-vos eu, nova maneira é também de me obrigardes; mas assim me pareceis vós, que, de vos ser obrigada, folgo muito ainda.»

Satisfazendo-lhe eu então, disse :

—«Sou uma donzela que n'este monte, da banda d'alem d'este ribeiro, pouco ha que vivo, e não posso viver muito. N'outra terra nasci, n'outra, de muita gente, me creei, d'onde vim fugindo para esta, despovoadade tudo, senão só das mágoas que eu trouxe comigo! Este valle, por onde correm estas agoas claras que vêdes, os altos arvoredos de espessas sombras sobre a verde erva, as flores que por aqui aparecem, e a seu prazer se estendem, ribeiras d'esta agoa fria, doces moradas e pousos das sós deleitosas aves, são tam conformes a meus cuidados que o mais do tempo em que o sol anima

a terra passo aqui, e, ainda que me vejaes só, acompanhada estou.

«Muito ha que tenho andado este caminho: nunca vi senão agora a vós. A grande solidão d'este valle, e de toda esta terra por aqui derredor, me faz ousar vir assim, mulher... formosa, bem vêdes já que não! E pois não tenho armas para ofender, para me defender para que me seriam já necessarias? A toda a parte posso já ir, segura de tudo, senão só do meu cuidado; que não vou a parte alguma que êle não vá após mim. Ainda agora estava eu aqui, só, olhando para aquele penedo (mostrando-lh'o eu então d'ali) a ver como estava contrariando aquela agoa que queria ir seu caminho. Ante os meus olhos, sobre aquele ramo que a cobre, se veio pôr um rouxinol, docemente cantando. De quando em quando, parecia que lhe respondia outro, lá de muito longe.

«Estando êle assim, no melhor do canto, caiu morto sobre aquela agoa, que o levava tam depressa que o não pude eu ir buscar.

«Tamanha magoa me nasceu d'isto, que me recordei de outras minhas, de que tambem grandes desastres foram causa, e levaram-me aonde eu tambem não podia ir bus-

car-me. . . (A estas palavras se me arrasaram os olhos de agoa, e fui-me com as mãos a êles.) Isto, senhora, fazia quando vós appareceste, e o faço as mais das vezes; porque, sempre, eu choro, ou estou para chorar!»

Eu, que lhe tinha já respondido, detive-me um pouco, cuidando como lhe perguntaria outro tanto d'êla: maiormente da causa que foi das suas lagrimas quando não pôde, senão muito tarde, dizer: «filho».

E'la cuidando que, porventura, eu não queria dizer mais, disse:

—«Bem se vê n'isso, senhora, que sois d'outra parte, e ha pouco que estaes n'esta, pois dos desastres que n'este ribeiro acontecem vos espantaes. Ha uma historia muito falada n'esta terra, por aqui derredor, que muito ha que aconteceu. Lembra-me que era eu menina, e ouvia-a já então contar a meu pae, por historia. Agora, ainda folgo de cuidar n'êla pelos grandes acontecimentos e desventuras que n'êla houve. E ainda que nenhum mal alheio possa confortar o proprio de cada um, parte de ajuda me é saber, para o sofrimento, que antigo é fazerem-se as cousas sem razão, e contra razão. De boa vontade, pois parece que ainda a não ouvis-

tes, vo-la contarei; que, segundo entendo, devem-vos dar prazer as cousas tristes, como vós me dizeis.»

—«O sol (lhe respondi eu) vae alto, e eu folgaria muito de a ouvir, pela ouvir a vós, e depois por saber que não busquei embalde esta terra para minhas tristezas, pois tanto ha que se costumam n'êla. Outra cousa, senhora, vos quizera eu agora perguntar; mas fique para depois, que para tudo haverá tempo, ainda que a historia, como dizeis, é de tristezas, e não poderá durar tam pouco como o dia.»

—«Os dias são agora grandes (me tornou êla) e não poderão êles nunca ser tam pequenos que eu, com todo o meu poder, vos não fizesse a vontade n'êles, assim sou, senhora, paga por vós; mas olhae o que quereis antes.»

—«Porque é cousa em que vós folgaes ainda agora de cuidar (lhe respondi eu) não póde ser pouco para desejar ouvir. Fique o que eu d'antes quizera para depois, ou para sempre; que só de o eu querer lhe deve vir isto. Não tomeis de aqui que eu não folgarei de ouvir a historia, porque isto pudera ser se não fòra de tristezas, para que vou acham-

do, já agora, o tempo curto, tanto folgo com élas. Por isso, conta-e-a, senhora; conta-e-a, pois é de tristezas... Gastaremos o tempo n'aquilo para que parece que no-lo deram, — a vós e a mim.»





CAPITULO III

Da conta que a dona dá á donzela da sua vinda áqueia terra

«**C**ONTADA de mim (começou éla) que, para me magoar, busco ainda desventuras alheias, como se as minhas não bastassem; que são tantas que, muitas vezes, n'este despovoado, eu mesma ando espantada de mim, como as posso sofrer!

«Por isso, vos não parecia sem causa triste; que assim o sou eu que, se o soubesseis, ainda muito mais vo-lo pareceria do que cuido que parecerei no aspecto; porque a longa dôr, que ha já muito tempo que eu passo, tem o cansado d'este meu corpo tam acostumado a sofrê-la, que, já agora, vive n'éla.

«Este é um dos queixumes grandes que

eu tenho do corpo, que não ha cousa para que êle, por longo costume, não seja.

«Assim, ha já muitos annos que eu não vivo para mim, e que vim para estes ermos, fugindo das gentes para quem só anoiteceu e amanheceu. . .

«Muito me aprouve achar-vos tambem conforme á minha tristeza ; porque nos consolaremos, ambas desconsoladas : — que isto vae assim como quem é doente d'alguma peçonha, e se cura com outra.

«Quando vos eu á primeira vista vi, em o apartamento de toda a gente (que n'esta terra ha muito) e o muito que tambem ha que eu não via n'êla cousa com que falasse, me moveu á alteração, e não puz em vós os olhos, tanto, como depois que vos falei ; e, quanto mais vos ólho, mais acho que vos olhar. As passadas palavras vossas me dizem que deveis ter o coração altamente agravado.

«Nas mágoas que as lagrimas teem feitas no vosso rosto (que para esse efeito parece que não foi dado) entendo eu quam dada deveis ser aos cuidados, porque não costumam élas fazer-se sem razão.

«Vejo-vos moça ; ainda ereis para viver no

mundo. Mal haja a desventura que tam cedo começou em vós, e tam tarde acaba em mim!

«Muito folgaria de me contardes vossas tristezas, uma a uma, que assim, como vos eu ouvi, não me bastou mais que para me magoar. Mas, já que vós, senhora, assim fostes servida, eu sou contente.

«E já que não pudestes escusar desventuras, folgo em que vós folgueis de encobrir vossos males, — que o pesar ha este bem. Inda que não aproveite para doer menos, aproveita para se sofrer melhor.

«Isto é assaz para as tristezas das mulheres, que não tem remedios para o mal, que os homens teem; porque, n'esse pouco tempo que ha que eu vivo, tenho aprendido que não ha tristezas nos homens. Só as mulheres são tristes; que as tristezas quando viram que os homens andavam de um lugar para outro, e, como as mais das cousas, com as continuas mudanças, ora se espalhavam ora se perdiam, e que as muitas occupaões lhe tolhiam o mais do tempo, tornaram-se ás coitadas das mulheres, — ou porque aborreceram as mudanças, ou porque não tinham para onde lhe fugir.

«Porque, certamente, segundo as desventuras são desarrazoadas e graves, aos homens se haviam de fazer; mas, quando com êles não puderam, tornaram-se a nós, como á parte mais fraca. É assim é que padecemos dous males, um que sofremos, e outro que se não fez para nós. Os homens cuidam outra cousa, mas o que das mulheres não cuidam êles?! Logo, costumaram ter em pouco as suas tristezas. Mas se élas, por isso, teem razão de serem mais tristes, sabê-lo-á quem souber que mágoa é manter verdade desconhecida!»

A isto não pude eu suster um cansado suspiro de dentro d'alma; e éla, sentindo-o (com quanto o eu encobri) estendeu a sua mão direita, e, tomando a minha, com dissimulação, suspeitosa, tornou a falar para mim, dizendo:

— «Quando eu era da vossa idade, e estava em casa de meu pae, nos longos serões das espaçosas noites do inverno, entre as outras mulheres de casa, umas fiando, e outras dobando, muitas vezes, para enganarmos o trabalho, ordenavamos que alguma de nós contasse historias, que não deixassem parecer o serão longo; e uma mulher de

casa, já velha, que vira muito e ouvira muitas cousas, por mais ancian, dizia sempre que a éla pertencia aquele officio, e, então, contava historias de cavaleiros andantes.

«E, verdadeiramente, as afrontas e grandes aventuras (que éla contava) a que se êles punham, pelas donzelas, me faziam a mim haver dó d'êles, — porque cuidava eu que um cavaleiro convenientemente armado sobre seu formoso cavallo, pela ribeira de um rio, de gracioso campo passeando, podia ir tam triste como uma delicada donzela, em alto aposento, encostada a seu estrado, entre paredes, só podia estar, vendo-se de altos muros cercada, com tantas guardas, — feitas para tam pequena força. Mas, para lhe tolherem as vontades, fizeram grandes defezas, e, para lhe entrar o desgosto, muito pequenas.

«Mais maneiras teem os cavaleiros para se mostrarem mais tristes do que são; e muito menos teem as donzelas para se mostrarem mais tristes do que parecem aos homens.

«Ao menos, se eu, depois que soube muitas coisas, pudera tornar atraz, menos me houveram de magoar do que me magoa-

ram. Que também se deve esperar da dôr aquilo para que cada um a tem; de outra maneira, não se devia éla ter.

«Digo isto, senhora, porque pelo lugar onde suspirou vosso coração, (que vós de mim, quanto podieis, vos quizeréis encobrir) suspeito eu que d'alguma grande sem-razão deveis trazer o cuidado magoado; porque a vossa idade não era para viverdes nos matos. Se os homens não costumassem agravar donzelas, muito fôra de sentir; mas, das cousas costumadas, quem se deve agravar?!

«Muito bem vos posso dizer isto (ainda que o conhecimento entre nós seja pouco) porque sou mais velha que vós, e porque é verdade, para que se não deve esperar tempo, como para as outras cousas.

«Quantas donzelas comeu já a terra com a saudade que lhe deixaram cavaleiros, que come outra terra, com outras saudades?!

«Cheios são os livros de historias de donzelas que ficaram chorando por cavaleiros que se iam, e se lembravam ainda de dar de esporas a seus cavalos, porque não eram tam desamorosos como êles.

«N'este conto, não entram só os dous amigos de que é a historia que ha pouco vos

prometi N'êles, sós, cuido que se encerrou a fé que em todos os outros se perdeu; e creio que por isso ordenaram outros homens de os matarem á traição, maldosamente, porque se não pareciam com êles.

«O mal não sómente aborreceú o bem, como quizera ainda que o não houvera ahi.

«Lembra-me que, quando meu pae contava a vileza da maneira que tiveram os falsos cavaleiros, para matarem os dous amigos, dizia que muito folgara de a não ouvir para a não saber, pois não viera em tempo para deixar de ir á terra magoado, porque já geração d'êles não havia ahi.

«Mas, se muito para sentir foi a morte dos dous, muito mais para sentir foi a das duas tristes donzelas, que a desventura trouxe a tanta desdita, que não sómente conveio aos dous amigos tomarem a morte por élas, mas ainda conveio tomarem-na élas por si mesmas.

«Os dous amigos, no que fizeram, cumpriram para com élas e para consigo mesmos, aquilo a que eram obrigados pelas leis da cavalaria que mantinham; élas só cumpriram para com êles, o que eu creio que é de maior estima; porque élas, por outros, não fizeram

aquilo, e êles, por outras, deveriam-no fazer.

«Assim, como de pessoas que fizeram mais, se deve tambem a morte sentir mais, ainda que a mim egualmente me doem umas e outras: êlas, porque eram mulheres, e êles, porque eram homens. . .

«Isto digo eu, para vós, e para mim, porque meu filho tambem era homem, como êles.»





CAPITULO IV

Das palavras que a dona com a donzela passou

COM estas palavras começaram as lagrimas a correr pelas suas faces abaixo, e éla, soltando a fala, seguiu dizendo:

— «Perdoar-me-eis, senhora, que, por minha idade, bem vos posso chamar filha, se muitas vezes me virdes fazer isto, ainda que a vós vos não devem as lagrimas ser estranhas, pois tanto folgastes de buscar lugares sós como estes onde estaes, que já em outro tempo, dizem, foram cheios de mui nobres cavaleiros e formosas donzelas; e ainda agora, por aqui algures, as moças que guardam gado acham pedaços d'armas, e joias

de grande valia;— o que parece que faz este valle de mais triste sombra que outro nenhum.

«Não sei, este desconcerto do mundo, aonde hade ir ter. Em tempo, foram estes valles muito povoados, e agora muito desertos; costumavam gentes andar n'êles, agora andam animaes ferozes. Uns deixam o que outros tomam! Para que eram tantas mudanças em uma só terra?

«Mas parece que tambem a terra se muda como as cousas d'êla. E esta, porque passou o tempo em que foi leda, veio este em que havia de ser triste.

«De muito povoada, e de edificios reaes enobrecida, tornou-se a povoar de altos arvoredos, como a natureza os produzia.

«Ainda em alguns sitios d'este valle estão algumas antigas arvores, que, pelo muito decurso de tempo, e descostume de como foram creadas, parecem já d'outra plumagem diferente d'aquela de que deviam ser quando, ajudadas de pomareiras mãos, êlas produziam seu perfeito fruto.

«Tudo quanto ha n'este valle é cheio de uma lembrança triste para quem tiver ouvido o que dizem que aconteceu n'êle, e o que

foi já em outro tempo; que pareceria então que não era para vir a este de agora.

«Mas tudo é assim. Enfim, fazem-se umas cousas para outras, para que se não faziam.

«Mal cuidariam os dous amigos, quando aceitaram a empreza de guardar as aventuras d'este valle (para só aprazer ás formosas duas donzelas) que era para tanto seu desprazer d'elas... E, tambem, mal cuidaram élas, quando aquelle dia (da grande desventura) se vestiram, e enfeitaram ricamente, para verem os dous cavaleiros amigos, que era para os não verem mais!

«Trazem-nos os nossos fados não sei quê ante os olhos, que temos as cousas diante, e não as vemos...

«Tudo anda trocado, que não se entende; e assim nos veem tomar as mágoas quando estamos mais assegurados d'elas, que nos doem, a um mesmo tempo, o bem que perdemos, e o mal que depois cobramos!»

Aqui deu éla um grande suspiro, e esteve como se quizera dizer outra cousa: e tornou dizendo:

— «Mas tempo é de cumprir o que vos prometi, pois bem vejo que muito ha hoje que me leva a minha dôr após si.»



CAPITULO V

Do que Lamentor passou n'aquella parte
onde foi aportar com a sua nau,
e da batalha que teve com o cavaleiro da ponte
e do que mais lhe succedeu

DE reinos estranhos, dizem que veio
n'um tempo passado ter a estas
partes um nobre e famoso cava-
leiro.

«Aportou, cerca d'aqui, em uma nau grande, carregada de muita riqueza, e, sobretudo, de duas formosas irmans, a uma das quaes êle mais que a si queria. Para que êla não sentisse a saudade de sua terra, trouxeram a outra irman, donzela, mais pequena que aquella por quem êle vinha buscar terras estranhas.

«Contam que êlas eram filhas de um poderoso senhor, como depois, com o tempo, se suspeitou, pelos muitos cavaleiros andan-

tes que pelo mundo foram espalhados n'aquella epoca. Mas esta historia será longa.

«Aportando Lamentor (que assim se chamava) n'estas partes, como digo; havida inteira informação da terra, e da gente d'êla, porque, como êle viesse da maneira que vinha, não queria fazer seu assento em nenhum lugar muito povoado; e, saindo um dia pela manhan da nau, com todas as suas riquezas, começou a caminhar por este valle acima,— que para tudo tinham já seus creados feito o concerto necessario.

«Em umas ricas andas, que Lamentor na nau trouxera, iam as duas irmans; porque a maior vinha quasi no fim do tempo da prenhez.

«A manhan era graciosa Parecia que assim se acertou, para a terra mais lhes contentar. Ia o anno no mez d'abril, quando florescem as arvores, e as aves, que até então estiveram caladas, começavam a andar fazendo os gorgeios do outro anno, pelo que, por entre o arvoredado d'este valle (bem podeis cuidar quejndo seria então, pois agora é tanto) estavam élas tomando recreio, ora n'uma cousa ora em outra.

«Tudo buscava Lamentor para que sua

senhora e a donzela sua irman, de alguma maneira, perdessem a saudade de sua terra, e o enjôo do mar.

«Sendo êles cerca de uma ponte, que ahiperto ainda esfá, e querendo-a passar, lhe disse um escudeiro que no começo d'êla estava:

—«Senhor cavaleiro, se quereis passar, convem que façaes, uma, de duas:— ou que confesseis que o cavaleiro que mantém esta passagem quer bem com mais razão que ninguem, ou o determinará a justa »

—«Muitas cousas havia mister de saber (lhe respondeu Lamentor) quem houvesse de responder a essa pergunta: e como se póde saber se quer êle bem com mais razão sem ouvir primeiro onde, ou como o quer? Mas, por agora, d'isso eu não curo: porque a mim basta-me saber que, por mais razão com que êle queira bem, eu o quero mais que êle, e que todos os do mundo. Isto que sei, certo de mim, me escusa saber mais d'êle que a condição com que êle guarda esta ponte. A razão que tem para isso, guarde-a para si; que, para êle, poderá ser que pareça a maior do mundo. Deveis, bom escudeiro, dizer-lhe que faria bem em deixar-nos passar, antes que o julgue a justa».

«O escudeiro, que já olhára para as andas, e nunca cousa tam bem lhe parecera, lhe tornou :

—«E' escusada, para êle, essa embaixada, porque está tam ufano, que não pôde agora ninguém com êle (e na verdade tem causa); porque fará d'aqui a oito dias três annos que êle mantém este passo, sem achar cavaleiro que o vencesse, sendo o mais esforçado d'êles que por toda esta terra ha. E então se acaba o praso que lhe foi dado por uma donzela, a mais formosa que n'estas partes se sabe, filha do senhor d'aquelle castelo que ali vêdes, em que éla lhe prometeu seu amor, sendo esta ponte por êle guardada com a dita condição. Mas se êle fosse sabedor da companhia que vós trazeis, com razão devia temer agora, mais que nunca; mas eu não lh'o posso ir dizer, que já outras vezes lhe levei assim embaixadas, e êle tornava-me má resposta: e succedendo depois á sua vontade m'o deitava em rosto, como que a minha tenção ficasse, pelo seu acontecimento, culpada.»

—«Ora, pois, determine-o a justa», disse Lamentor, olhando já para as andas.

«Tirando então, de um tiracolo, o escudeiro uma corneta, tocou-a.

«D'ahi a um pouco, deixou-se sair d'um espesso arvoredado, que alem da ponte estava, um cavaleiro bem armado, a cavallo, e vindo direito para a ponte, ali houveram ambos justa, de que meu pae contava muitas cousas de grande esforço e valentia, que vos eu não contarei; porque, ainda que as mulheres folguem muito de ouvir cavalarias, não lhe está bem contarem-nas, nem élas parecem, nas suas bôcas, como nas dos homens que as fazem.

«Mas, contudo, dissera-vo-las eu, se me lembrassem inteiramente; porém, não me lembra senão que contava meu pae que romperam três lanças, e á quarta caiu o cavaleiro da ponte; e com a queda grande do encontro (que tambem foi grande) ficára sem se poder levantar por um pouco.

«Lamentor se apeou rapidamente. Quando chegou junto d'êle, o achou sem fala, e, descobrindo-o, lhe pareceu como morto. Mas, d'ahi a um pouco, acordou, todo mudado na côr, e levantando os olhos para Lamentor, que sobre êle estava, com um suspiro:

—«Ai! ai! cavaleiro, — lhe disse. Que vos nunca vira, prouvera a Deus, ou que ao menos vos não tornára a ver!»

«Lamentor houve d'êle dó, maiormente de suas lagrimas, que lhe viu; e, tomando-o pelo braço, o ajudou a erguer, dizendo:

— «Do amor, senhor cavaleiro, nos podemos queixar com razão; que, assim como vos êle a vós fez aqui guardar esta passagem, me fez a mim fazer-vos dano. De vo-lo ter feito, me pesa como homem; que, fazer-volo, foi como namorado. N'outra alguma cousa de vosso contentamento vo-lo emendarei, quando mandardes».

«O cavaleiro da ponte, que assim o viu comedido, bem lhe pareceu razão de lhe agradecer aquela vontade; mas tamanha era a dôr que tinha no coração que não pôde acabar de forçar a sua. Contudo, porque era de alta criação, lhe disse, como desculpando-se:

— «O amor demasiado não vive em terra de razão, mas eu irei tomar vingança d'êle n'outras, alongadas d'esta, onde não veja cousa com que os meus olhos descansem; ainda que esta vingança bem me pésa. — pois que ha de ser de mim e de meu cuidado?!»

«E assim se virou para outro lado, e deu a andar pelo valle abaixo. E como êle da

queda grande que dera ficasse mal-tratado, e (segundo depois pareceu) quebrasse alguma cousa de dentro, não foi muito pelo valle abaixo, porque, acabando o seu escudeiro de tomar o cavallo, começando d'ir após êle, o alcançou perto d'ali: e achando-o já lançado no chão, de bruços, foi para o erguer, e viu que êle era em estado de morte.

«Começou a chorá-lo amargamente, e Lamentor, que o ouviu, deu a correr para lá. E vendo que estava o escudeiro com seu senhor, como morto, nos braços, desceu-se prestesmente, e foi-sé para êle; e vendo o no derradeiro termo de sua vida, e como desmaiado, lhe começou a dizer:

— «Que é isto, senhor cavaleiro?... Esforçae! que é este o passo verdadeiro para que tomastes a ordem de cavalaria».

«E êle, acordando, poz os olhos em Lamentor, e estendeu-lhe, vagarosamente, a mão direita, como em sinal que parecia de paz. E, com uma voz cansada, disse:

— «Ao esforço, se me êle pudera valer, perdoára eu tudo; pois me falece agora, quando a mim tanto cumpre viver...»

«E com a força que fez para dizer isto (como homem que tinha alguma dôr grande

de dentro) foi-se-lhe o folego, e, cerrando os seus olhos, ficou como passado d este mundo. Mas, d'ahi a um pouco, os tornou a abrir, e fazendo menção com o rosto para aquela parte onde estava o castelo da donzela por quem guardava a passagem, e que todo aquele valle descobria, e levando para lá os olhos, — parece que lembrando-lhe que não tinha já mais de oito dias para acabar o prazo que lhe fôra assinado, e como cousa que lhe mais magoava — ainda disse estas derradeiras palavras:

— «Ó castelo, quam perto ainda agora estava de vós!»

«E, com isto, deixaram-se-lhe os seus olhos ir, cansadamente, cerrando para sempre».





CAPITULO VI

**Em que se diz a razão
por que o cavaleiro da ponte sustinha aquele passo,
e de como sua irman ali veio ter**

CHEGADAS eram já ali as andas com as duas irmans, e toda a outra gente, e vendo como o cavaleiro da ponte (que desarmado já o rosto tinha) era de formosura, e presença estimada, e ainda mancebo, todos ficaram muito tristes por tamanho desastre.

«Lamentor, que via como o escudeiro estava lançado aos pés de seu senhor, tristemente chorando, havendo d'êle compaixão (porque, assim na pratica que com êle tivera havia pouco, na ponte, como n'aquilo, lhe parecera de boa maneira e de criação) foi-se para o consolar; e tirando-o para fóra d'ali, d'onde estava chorando, lhe disse:

— «Até nas cousas proveitosas, a temperança é muito louvada; os choros não aproveitam para nada; por isso, é muito mais necessaria n'êles; nem os choros se devem ter senão como cousa que se não pôde escusar. Vosso senhor faleceu como cavaleiro; e ainda vos digo que as pessoas que lhe bem-queriam não devem estar tristes; antes se devem alegrar muito, porque foi de tam alto coração que não pôde suportar ser vencido, — que, sê-lo ou não, está na ventura».

— «D'esta desventura minha, pois fico só (disse o escudeiro, chorando) não me pésa tanto por mim, senhor, como por ser tomada por quem é».

— «Os cavaleiros por amores, tornou Lamentor (desejando saber o que este era), tudo lhes está bem fazer».

— «Em lugar, lhe respondeu o escudeiro, que lhe seja agradecido; mas o meu senhor, sobre todas as cousas do mundo, queria bem a uma donzela, que não tinha para êle mais armas que a formosura; porque a vontade (segundo éla mostrou) nunca foi d'êle, antes disseram algumas pessoas de sua casa que no dia em que éla concedeu o praso chorou muitas lagrimas, e que nunca o concedera

se não fôra por seu pae, que era tam afeiçoado a meu senhor (e com razão) que, ao cabo de longo tempo, alcançou isto de sua filha, e ainda á hora de sua morte».

«Todos ficaram espantados d'ouvir isto, porque o cavaleiro da ponte era formoso e se houvera na justa grandemente.

«Lamentor, a quem isto pesou muito, pelo esforço que êle na justa lhe vira, com grande melancolia, disse :

— «Consolavae-vos, que amor nunca perdoou desamor; tarde ou cedo, vereis vingança.»

«O escudeiro, chorando, e tornando-se a lançar aos pés do seu senhor :

— «Ai! senhor cavaleiro, disse, para a morte não ha vingança!»

«Lamentor o tornou a erguer, dizendo-lhe: que, para o chorar, haveria tempo; que por então curasse de entender no que havia a fazer.

«O escudeiro lhe disse que iria, d'ali a uma jornada, onde estava uma fortaleza de seu senhor, em que vivia uma sua irman viuva, a quem a êle dera para lhe comer as rendas enquanto que êle seguia as aventuras: e d'ahi viria o concerto para o levarem

ao jazigo de seus antecessores; e que, por então, deixasse Lamentor ali um seu escudeiro, que o guardasse.

«O sol ia já declinando, e era tempo de repousar: mórmente quem do mar saíra.

«E porque, não muito longe d'aquelle lugar, e da ponte, estava um assento gracioso d'arvoredo, e corria por entre êle agoa, ordenou Lamentor de ali jantar, e assim o fez depois, dizendo ao escudeiro que queria ir repousar n'aquelle lugar; que lhe daria as andas em que o levassem, e que, se mais lhe cumprisse, de boamente o faria.

«O escudeiro, tendo-lh'o em mercê, disse-lhe que assim fosse.

«E, começando-se a ordenar tudo, succedeu por acaso que a irman do cavaleiro da ponte, que sabia que não havia mais que oito dias para se acabar o praso em que seu irmão (que éla muito queria) todo o seu contentamento tinha posto, determinára vir ali no dia antecedente, com grandes pompas e atavios, como aquella que devia, por amor e obrigação, acompanhá-lo até ao fim, — porque tinha éla por certo que o acabaria êle com grande honra, pois tanto tempo man tivera sua aventura que não havia já cava-

leiro em toda essa parte que por ali não tivesse passado.

«E acertou então de vir: e, vendo aquele ajuntamento e as andas, não soube que dizer; mas logo lhe deu o coração uma volta, e, chegando-se com presteza, viu o escudeiro, que éla bem conhecia, andar chorando. Perguntou-lhe que cousa era aquela. Olhou, e viu o irmão jazer já sobre uns panos ricos, que Lamentor lhe mandára pôr, e, apeando-se apressadamente, foi correndo para êle. Lançando os seus toucados por terra, começou a ir, arrancando cruelmente os seus cabelos (que longos eram), para aonde o corpo de seu irmão morto jazia, dizendo: — «Para a dôr grande, não se fizeram leis!»

«Isto dizia éla, porque era costume muito guardado n'aquela terra, que ficara d'outro tempo, sob grandes penas proibido, não se pôr mulher nenhuma em cabelo, senão por seu marido.

«Chegando a êle, o abraçou muitas vezes, e o beijou, dizendo:

— «Irmão meu, que morte foi esta, que assim vos levou tam depressa, que vos não pude falar? Quam enganada me trouxe, do vosso castelo até aqui, a desventura?! Que

desconcertos da fortuna são estes? Para verdes outrem, tomaveis vós esta empresa; e eu para vêr a vós parti de casa: e tudo era para não vêrmos o que desejavamos!... Triste de mim, que, quando vós, com outro rosto, fostes correndo a abraçar-me, dizendo: «D'aqui a três annos, senhora irman, haverei a cousa do mundo mais desejada, e, com vossa licença, que mais quero» logo me deu n'alma. E disse-vos: «Que longo praso, esse, para quem o recebe; parece até que quem o põe o não põe para outra cousa!» Mas vós, que para isto quizestes este bem, como que não folgaveis de me ouvir aquilo, me tornastes: «O grande amor assegura esta demanda.» Inda mal, muitas vezes, porque foi tam grande! Mas não me comerá a mim a terra com esta dôr, sem fazer, com todo o meu poder, que custe o largo praso alguma cousa áquella que tanto custou a vós e a mim!»

«As duas irmans, que já tinham descido para darem as andas, se foram para éla, e, tomando-a entre si, começaram a agasalhá-la, á maneira de a quererem consolar, — que a lingoagem d'aquella terra não a sabiam.

«Éla, com alta voz, disse: «Deixae-me, senhoras, chorar meu irmão, pois não tem outrem que o chore.»

«Chegou-se Lamentor, que sabia a lingoa, e andára todas as partidas do mundo, e disse:

— «Os cavaleiros, senhora, que em feitos d'armas acabam, como vosso irmão, não devem ser chorados como os outros homens; porque êles acham o que buscam. Vós, senhora, posto que muita causa tenhaes para ser triste, pela perda que perdestes n'êle, que era o melhor cavaleiro d'esta terra toda, tendes tambem muita razão para louvar a Deus por êle ser tal. Deixae o pranto, e vêde o que mandaes que faça; que parece, senhora, escandalo curardes mais de vossa dôr que de vosso irmão, enquanto o tendes diante de vós.»

«N'isto, chamou o escudeiro, para que lhe dissesse o que estava d'antes ordenado. E éla o houve por bem, e fez-se assim.

«E puzeram o cavaleiro da ponte sobre as andas, em ricos panos; e a irman, chorando, pediu que a metessem com êle. Lamentor a tomou por um braço, e a donzela (porque a irman não podia) pelo outro, e puzeram-na

dentro. E querendo Lamentor soltar os paramentos das andas, como cousa de tanto dó, se chegou mais para éla, e disse estas palavras:

— «Ainda que o tempo, senhora, seja para outra cousa, como não sei quando vos tornarei a vêr, de mim sabei, como certo, que podeis fazer a vosso serviço; o mais, sabeis do escudeiro.»

«E éla não tornou resposta, que ia toda coberta, lançada já sobre o rosto de seu irmão, chorando.

«Ele soltou os paramentos, e assim se foram.»





CAPITULO VII

Como, depois de partida
a irman do cavaleiro da ponte, por aprazer aquele
lugar a Lamentor,
ordenára fazer ali seu assento

«**T**RISTES ficaram todos por aquela des-
ventura; mas Lamentor, que não es-
quecia quem trazia consigo, lim-
pando os olhos das lagrimas que aquela par-
tida assim lhe fazia, veio para aonde sua se-
nhora estava com a irman, com estas pala-
vras:

— «Agora nos podemos, senhora, ir; que
na mortalha alheia não temos mais que fa-
zer.»

«E, tomando-as, cada uma por sua mão,
mandou os seus para aquele lugar que d'an-
tes lhe parecera bem, dizendo-lhes o que ha-
viam de fazer entrementes.

«Foram-se então todos pôr sobre a ribeira

d'este rio, olhando para êle. Falando em outras cousas, estiveram ali um pouco, porque o mais depressa que ser podia foi armada uma rica tenda, e preparado de comer, que tudo vinha em grande abastança.

«Repousaram até bem tarde, que as andas tornaram. E por não serem já horas para caminhar, se deixaram ficar ali aquella noite,— que a fortuna tinha já ordenado que fosse para sempre.

«Belisa (que assim se chamava aquella senhora que vinha prenhe), enquanto ali estiveram, antes que as andas viessem, adormeceu; e, acordando um pouco agastada, viu junto de si Lamentor, e lançando-lhe, amorosamente, os braços sobre o pescoço, esteve assim pensativa por um pouco.

«E êle, vendo que éla sonhára, pelo desacordo com que acordára, lhe perguntou:

— «Que cousa, senhora, foi essa?»

— «Sonhava, senhor (lhe respondeu éla) que estavamos, vós e eu, ambos presos de um fio; e que eu cortava-o, e que vos não via mais.»

«Lamentor, não lhe pareceu senão que lhe atravessavam aquelas palavras o coração (como na verdade enfim foi) e assim êle, com

isto que em si sentiu, se entristeceu grandemente.

«Adivinhava-lhe, parece, a alma o seu mal. E não pôde tanto dissimular que o não conhecesse éla, e disse-lhe:

— «Que é isto, senhor, que assim vos mudastes com o que vos disse?»

«Mudando êle o proposito em cousa que tambem lh'o mudasse a éla, para lhe escusar alguma imaginação, pelo perigo em que vinha da prenhez, lhe respondeu, dizendo:

— «Hei-vo-lo, senhora, de confessar, ainda que n'isto force minha condição,— que nem dizer-vo-lo, nem cuidá-lo quizerá. Houve melancolia. Perdoae-me, que de vós não se póde haver. Mas como os sonhos não venham senão do que a gente traz na fantasia pareceu-me (porque me dissestes que sonhaveis que me não vieis mais) que era desconfiar do que vos quero, e de mim,— sendo vós bem segura de ambas as cousas, ou de cada uma.»

«Éla, com a boca cheia de riso, que bastava para o desagastar (se êle aquilo cuidava) se chegou mais para êle, dizendo-lhe:

— «Bem longe viera eu buscar essa desconfiança ! Eu vos perdôo. Parece que é este

dia aziago, que tantos desastres acontecem n'êle!»

«N'isto, e em outras cousas, passaram aquele dia, enquanto houve sol,—o qual com mais prazer se havia de pôr, do que amanheceu, pelo que ouvireis.»





CAPITULO VIII

**De como a Belisa
vieram em crescimento as dores do parto,
e, parindo uma creança, faleceu**

«**V**INDA a noite, repousando já todos, Belisa se começou a agastar levemente; mas, crescendo-lhe a dôr cada vez mais, teve de chamar por sua irman.

«Acordando éla, que perto em uma cama dormia, lhe contou Belisa como a dôr lhe ia em crescimento. A senhora Aonia (que assim se chamava a irman) acordou as mulheres de casa, e uma dona honrada, que de parteira sabia muito, e para isso a trouxera Lamentor; porque, quando partira, já Belisa era prenhe; e se não fôra porque se não podia já encobrir, não a trouxera êle assim a terras estranhas: mas, na necessidade, o amor

não achou outro melhor remedio que o des-terro.

«Belisa, que a Lamentor queria sobre todas as cousas do mundo, disse, para as outras, que a ajudassem a tirar do leito em que jazia para a camilha de sua irman, para o não acordarem, que estava cansado do caminho. Assim se fez, o mais de manso que puderam.

«Grande parte da noite passaram a fazer remedios para a dôr de Belisa. Mas a senhora Aonia, que via sua irman cada vez com mais agastamentos :

—«Quereis, senhora irman (lhe disse) que chamemos meu irmão?»

—«Para tomar paixão, (lhe disse éla) não o chameis vós; que prazerá a Deus que se me irá esta dôr: e isto, ao menos, ganharemos d'éla.

—«Assim praza a Deus (falou a dama honrada, d'acolá d'onde estava) porque não vejo nenhum sinal, senhora, de parirdes tam cedo. Deve ser isto do caminho ou da mudança de terra.»

«Porém, era já manhan quasi; e a dôr não amansava, antes se fazia maior, e começavam-lhe a vir uns agastamentos e des-

maios ao coração. A primeira vez que lhe isto veio, suportou-o éla; e a outra vez também; mas quando veio a terceira, em tamanho crescimento lhe veio, que lhe tolheu a fala, um pouco.

«Tornando éla a si, olhou para sua irman, dizendo-lhe que já agora lhe pesava de o não chamarem. E porque n'isto se começou a sentir melhor, tornou depressa para sua irman, que já ia para o chamar, dizendo: — «Mas não o chameis, que, parece, me acho melhor.»

«Um pedaço grandê, esteve então Belisa desagastada. E porque uma rica camisa que tinha vestida estava mal-tratada dos remedios que sobre o coração lhe punham, para as mulheres, disse: — Vistam-me a mim outra camisa, que, se morrer, não vá pelo menos assim.»

«A senhora Aonia se poz a chorar, com estas palavras.

«Olhando para éla Belisa, lhe vieram as lagrimas aos olhos; e, querendo-lhe dizer alguma cousa, a dôr não a deixou, que então começou mais apertadamente que d'antes.

«Aquela dona honrada, que a via mais agastada que nunca, disse que seria bom er-

guerem-na de todo; e querendo-a sua irman tomar por um lado, se virou Belisa para éla, dizendo-lhe: — «Não sei que ha de ser isto!»

«Mas tamanhos foram os agastamentos, e tam apressados, que não houve ahi acordo para a erguerem de todo, e ficou como assentada. E, enfim, foi assim a desventura que em breve espaço a poz no extremo da morte.

«E já, a éla, lhe ia falecendo a fala, levantando os olhos para sua irman, como forçadamente, disse: — «Chamem-no; chamem-no!»

«Foi a senhora Aonia, chorando desoladamente, chamar Lamentor, que no mais alto sôno dormia, dizendo-lhe: — «Acordae, senhor; acordae, que vos levam Belisa!»

«Ergueu-se apressadamente Lamentor, levando a mão a um terçado, que junto da cabeceira tinha; mas vendo chorar todos derredor da cama de Aonia, e Belisa, a quem tinham erguido até aos peitos, como passada d'este mundo, — abraçando-a, se chegou para éla, dizendo:

— «Que coisa foi esta, senhora?»

«E as lagrimas enchiam, com estas palavras, todo o rosto seu e o d'éla.

«Leyantou então Belisa, cansadamente, uma mão, com a manga da camisa tomada, para lhe limpar os olhos; mas, não seguindo éla já a sua vontade, se lhe deixou a tornar a cair para baixo. E éla, pondo os olhos fitos n'êle: «Não mais, disse, para sempre!» E, d'ahi, os foi cerrando, vagarosamente, como que lhe pesava de o deixar assim.

«Lamentor, que isto não pôde ver, caiu para o outro lado, como morto, e assim esteve um grande pedaço.

«N'este meio tempo, ouvindo a dona honrada chorar uma creança na cama; e cuidando o que era, atentou, e achou uma menina recém-nascida, que chorava muito.

«E, tomando-a então nos braços, com os olhos não enxutos, disse assim:

— «Ó coitadinha de vós, menina, que, chorando vossa mãe, nasceis! Como vos crearei eu, a vós, filha estranha, em terras estrangeiras? Mal vá ao dia em que assim saímos do mar, para passar toda a tormenta na terra!»

«Mas, como entendida que era, ordenou de a curar, tomando a tarefa toda sobre si; que bem via que Lamentor, e a irman, outro maior encargo tinham. E, assim, mandou o que se havia de fazer, e proveu sobre tudo».



CAPITULO IX

Do pranto que Aonia fez pela morte de sua irman Belisa

«**A** senhora Aonia (lembrando-lhe o que vira fazer á dona viuva sobre o corpo de seu morto irmão, que o devido costume ao tempo do luto lhe parecia então,— posto que em sua terra se não usasse) pondo-se sobre o corpo de sua irman, rasgando os toucados dos seus formosos cabelos, que longos eram, á maravilha, a cobriu toda, e tambem Lamentor, que éla tambem cuidou que era falecido; que, pelo grande bem que êle queria a sua irman, leve lhe foi isto de crer, vendo-o da maneira que via!

«Depois de muito cansada, em alta e do-rida voz, começou por estas palavras:

— «Triste de mim, donzela de pouco tem-

po, desamparada em terra alheia, sem parentes, e sem ninguém, e sem prazer! Como vós, senhora irman, me pudestes deixar só, tam longe, em tal lugar?! Para vos tirar a saudade, me dizieis vós que vinha eu cá: e vós, para m'a dar a mim, vinheis! . . . Malaventurada de mim! Para outros fados, cuidava eu que me criava a mim minha mãe, e éla foi a enganada, e eu a que hei de pagar agora o engano! Que sem-razão tamanha, senhor cavaleiro, me é feita diante de vós! De quantas donzelas por vós foram já amparadas, eu só estava para o não ser! Coitada de mim! Que farei? Aonde me irei? . . .»

«E assim se lançou sobre o corpo de sua irman.

«Mas, ao invocar o cavaleiro, Lamentor a ouviu, como por sonhos; e tornando a si, viu diante tantas magoas que ficou sem falar um pouco; e vendo logo como se matava toda a senhora Aonia, esforçou-se para a ir ajudar, para que tam cruelmente se não matasse, dizendo:

—«Esforçae-vos, senhora, pois a fortuna quiz que um tam desconsolado vos console!»

«E foi-a a erguer; e, querendo-lhe falar, lhe faleceu a fala.

«Então, houveram ambos mui triste pranto, e entre si se diziam, um ao outro, palavras de muita mágoa, começadas pela dôr, cortadas pelo pranto.

«E era já manhan clara.

«E acertou assim que, áquela hora, chegava um cavaleiró á ponte, e vinha de longes terras buscar aquella aventura, por mandado d'uma senhora que lhe queria bem a êle: mas êle a éla devia-lhe mais do que lhe queria.

«Não achando ninguem na ponte, e ouvindo perto d'ali tam grande pranto, pareceu-lhe algum misterio, ou alguma cousa de dôr.

«Deu a andar para aonde era; e, vendo uma rica tenda, e ouvindo muita gente dentro e fóra chorando, perguntou a um servidor que topou que cousa era aquella. E êle lh'o contou.

«E, apeando-se êle então, (mandando primeiro adiante o escudeiro de Lamentor) muito mesurado e humildemente, entrou após êle.

«E entrando, e vendo a senhora Aonia, que em grande extremo era formosa, soltos os seus longos cabelos que toda a cobriam,

e parte d'êles molhados em lagrimas, que o seu rosto por alguma parte descobriam, foi logo trespassado do amor d'êla, sem haver quem, por parte d'outrem, fizesse defeza alguma, que, como o amor viesse juntamente com a piedade, parecia que vinha êla só; mas, quando se descobriu, eram já conhecidas tantas razões por parte da senhora Aonia, que não tam sómente lhe esqueceu a outra, mas não lhe lembrou mais senão para lhe pensar do tempo que gastára em seu serviço.

«D'esta maneira, foi êle preso do amor da senhora Aonia; e, depois, veio a morrer por êla.

«Este, foi um dos dous amigos de que é a nossa historia. E, por isto, costumava meu pae dizer que tornára o amor d'este cavaleiro a morrer na paixão onde se levantára. Mas, para isto, seu tempo lhe virá.»





CAPITULO X

**De como Narbindel,
vindo a combater com o cavaleiro da ponte,
vendo o pranto que se fazia na tenda de Lamentor,
entrou dentro para o consolar**

«**D**ITO era já a Lamentor que o cavaleiro entrára: mas êle não o viu senão quando já o achou junto de si, dizendo-lhe palavras de consolação.

«Lamentor as recebeu d'êle o melhor que pôde, mais por lhe não dar causa de se deter muito, que por estar para isso. Mas, depois de estarem um pouco, vendo Lamentor que êle não fazia menção de se ir, forçadamente, lhe disse:

—«Senhor cavaleiro, a vossa visita vos tenho em mercê. Prazerá a Deus que, em outra mais alegre, vo-la pague! Nós vimos de jornada, como sabereis. As pousadas não são maiores do que vedes; não ha ahí outra

casa senão esta, para a tristeza e para nós. Deveis-vos, senhor, ir para aonde ieis; não tomareis ao menos parte em tanto luto, porque as mágoas alheias também doem a quem as vê. Perdoae-me, que não tenho agora outra cousa em que vos sirva a vossa boa vontade.»

«O cavaleiro, passando os olhos pela senhora Aonia :

—«Eu não tenho aonde ir d'aqui», lhe disse.

«E, parece que lembrando-lhe que a havia de deixar, caíram-lhe umas ralas lagrimas pelo peito.

«Mas, como êle visse que ali não tinham mais do que aquela tenda, e outra pequena, bem lhe pareceu que não podia caber ali n'aquelle tempo gente estranha, ainda que êle — no seu coração — já o não era. Erguendo-se então, seguiu sua fala, dizendo :

—«D'este luto, senhor, não me póde a mim já caber pequena parte, para aonde quer que vá. De boamente vo-lo ajudára a passar; mas enfim, vós, senhor, cavaleiro sois: e mais, pois vindes de longe terra, (como soube de um servidor vosso) não deve ser este o primeiro que tendes visto; porque, nas suas

mesmas terras, os que nunca se mudam d'elas, não se podem escusar de ver luto cada dia, e cada hora do dia!»

«Dizendo-lhe mais que visse o que lhe mandava, se despediu d'êle, com olhos postos na senhora Aonia, e assim foi um pouquinho, que a tenda não lhe deu mais lugar; mas, quando se houve de virar todo, com muita dôr sua, os arrancou d'ali.

«Assim se saiu da tenda; e assim o deixaremos, para seu tempo.»





CAPITULO XI

De como se deu sepultura ao corpo de Belisa, e do pranto que com êle fez Lamentor

LAMENTOR se tornou a seu pranto,—
que muita causa tinha êle para isso.
«Mas, estando êle, e a irman, as-
sim por um grande espaço de tempo, que
ia já o Sol para o meio-dia, a dona honrada
(que ama se chamou depois, pela criação da
menina) como era já edosa, era de muito sa-
ber, e chegando-se para aonde ambos esta-
vam no seu pranto :

— «Senhores, (começou a dizer) para o
pranto, muito tempo nos ficará, que a des-
ventura parece que é n'esta terra como na
nossa. Deixae as lagrimas, que não é agora
tempo para vós, senhor, não parecerdes ca-
valeiro ; nem para vós, senhora, parecerdes
tanto mulher. Lembre-vos que a tristeza é

de todos; que tamanho mal foi o nosso que não tam sómente o hemos de ter, mas ainda nos havemos de consolar uns aos outros. E, pois temos a dôr para sempre, doámo-nos, sequer, como de nós que ficamos vivos. A sepultura é devida aos mortos: hão-se de fazer as cousas necessarias; olhae que é o derradeiro dom da vida! Termos o corpo da senhora Belisa mais tempo sobre a terra, parecerá fazermos-lhe força no mais pouco de sua partida; e porventura se deve éla desgostar de lhe negarmos o seu descanso, quando não nos hade pedir mais cousa alguma.»

«Acabadas estas palavras, que não foram ditas sem muita dôr de todos, tomou éla á senhora Aonia, como sobraçada, e a levou para a tenda pequena, que chegada áquela estava; e d'ahi tornou por Lamentor, e tambem o ajudou a ir para lá. Depois, entendeu em concertar o necessario.

«Mas Lamentor não quiz que levassem o corpo de Belisa para outra parte, antes mandou que ali, onde falecera, fosse a sua sepultura; porque logo assentára em sua vontade de nunca mais, enquanto vivesse, se mudar d'aquelle lugar. E assim o fez.

«E porque, nos reinos d'onde êles vinham

se costumava, antes que mandassem os corpos mortos á terra, virem todos os parentes a beijarem-nos nas faces, e os familiares nos pés, e o parente mais chegado, por derradeiro de todos (parece que faziam aquilo como saudação, para que aquella transmigração fosse como em boa hora), quando tudo foi acabado, a ama veio chamar Lamentor, e a senhora Aonia, que foi prestes lançar-se sobre as faces de sua irman.

«E, beijando-a muitas vezes, levantou a voz, dizendo :

— «N'outra terra, muitas tivereis vós que fizeram isto, mais que n'esta!»

«E aqui começou a rasgar o seu formoso rosto.

«E todos levantaram um triste pranto.

«Á maravilha, cada um lembrava a sua dôr, e assim a iam beijar nos pés.

«Lamentor, a quem mais doía onde ainda nunca outra cousa lhe doera, depois de muitos suspiros arrancados d'alma, olhando pelo que devia fazer, pelo costume, d'esta maneira disse :

— «Senhora Belisa, como vos hei de saudar, eu? Por mim, deixastes vós vossa mãe, vossa terra, vossos amigos e parentes! Quem

vos pôde apartar de mim, em terras estranhas, para me fazerdes tam triste?! Não me querieis vós a mim, tamanho bem? Como me deixastes só? Mas alguma desventura me houve inveja, que o que vós fazieis para ser o mais ledo cavaleiro do mundo,—para eu ser o mais desgostoso o fazieis vós!... Malaventurado cavaleiro, que para vós, senhora, estava ordenado uma sepultura em terra alheia, e, para minha vida, duas! Mas a vossa terá o corpo; e a minha: vida e alma! Não era mais rijo, senhora, o fio que nos prendia a ambos? Como o cortastes vós, sem mim? Não vos lembrou que era eu o que vos não havia de ver mais? Mas pedistes, senhora (me disseram) que vos levassem de junto de mim, para me não tirarem do repouso; e outrem tirava-m'ó, estando longe de vós. Não bastou a minha desventura haver de ser a mais triste do mundo, mas ainda a maneira como me veio o havia também de ser! Não me chamaram senão para vos não ver; e ainda então vos doestes de mim, que quizeréis limpar-me as lagrimas, e a minha desventura não o queria. Faleceu-vos a mão; como que vos deixava, sendo já senhora da vossa vontade a morte. E, com os olhos derradeiros postos em mim,

me fostes mostrando que, com a alma, se vos ia tambem a vontade. Mais devidos eram os meus annos a este vosso caminho; mas mais o era eu ás tristezas! E, pois fico para élas, o melhor é ficar sem vós!»

«E, com isto, cumpriu o costume.

«Mas a ama, que via não haver ali outrem sobre quem recaisse o cuidado das honras derradeiras, senão a éla, arredando Lamentor e a senhora Aonia, tomou uma rica toalha nas mãos, e, lançando-a por cima do rosto de Belisa :

— «Agora para sempre (disse) vos cumpre olhar para o ceu, onde éla, bem-aventuradamente, está; que isto é terra! Quem a amar, pois já éla a deixou, parece que errará ao bem que lhe quizer.»

«Palavras eram estas de muita consolação, se soubera a dôr presente consolar-se.

«Mas assim a enterraram.

«Deixemos aqui as cousas de Lamentor (que foram muitas e extremadas as que êle fez, pelo muito que a Belisa queria), porque como este conto seja dos dous amigos, agravo se lhe fará, ao muito que d'êles ha para dizer, gastar-se n'outrem alguma parte do tempo.»



CAPITULO XII

**Do que succedeu ao cavaleiro que saiu da tenda,
vencido do parecer e formosura da senhora Aonia**

« **T**ORNO-VOS ao cavaleiro que saiu da tenda, tam triste que não pôde alongar-se muito d'ali; e, apeando-se, sentou-se ao pé de um freixo que cerca d'aquelle ribeiro e da ponte estava. E, para pensar mais á sua vontade, mandou ao seu escudeiro, arredado d'ali, que desse de comer ao seu cavallo na ribeira d'aquelle rio, porque logo se temeu de êle o ver assim, e cair em alguma suspeita que fosse contar a Cruelcia (que era aquella por quem viera ali, como ouvistes), porque todos os seus lhe eram muito afeiçoados; e como éla quizesse a êle muito grande bem, êles não se podiam ter que lh'o não mostrassem todo em as

obras; d'onde nascia irem-lhe êles a dizer e contar tudo o que êle passava.

«Assim o que êle fazia por bem lhe saía ás vezes em mal; que para tamanho bem lhe éla queria que não podia deixar de ouvir, pelo tempo, cousas que a magoassem; nem tambem êle não as podia deixar de fazer, pelo pouco que lhe queria. Como, de feito, assim, por derradeiro, lhe foi isto causa, a éla, de triste fim.

«Mas, sentado o cavaleiro ao pé do freixo, esteve por longo espaço revolvendo muitas cousas na fantasia.

«E, quando se lembrava do que a Cruelia devia, parecia-lhe sem-razão deixá-la; por outra parte, lembrando-se de quam bem lhe parecera Aonia, parecia-lhe desamor não lhe querer bem.

«Tinham-no assim, entre ambas, formosura e obrigação, a ver quem o levaria; mas por derradeiro, pôde mais a de mais perto.

«Costumava dizer meu pae que fôra vencida a obrigação, como cousa que lhe não vinha de direito o pago no amor, e vencera a formosura, como quem só de amor se pagava.»



CAPITULO XIII

**Em que se diz quem fosse Cruelcia
e do que o cavaleiro
passou com o seu escudeiro**

«**F**RA Cruelcia uma de duas filhas a quem sua mãe mais que a si queria, e de boa formosura; mas obrigou tanto este cavaleiro, com cousas que fez por êle, que o endividou todo nas obras. Não lhe deixou nada, tam só para que lhe devesse a formosura. Parece que lhe quiz tamanho bem, que não sofreu a tardança de o ir obrigando pouco a pouco : deu-se-lhe logo toda. Obrigou-o assim, mas não o namorou.

«Coitadas das mulheres, que, porque vêem que as namoram os homens com obras, cuidam que assim se devem élas tambem namorar; e é muito pelo contrario,—que aos homens namoram-nos desdens e presunções.

Após uma brandura de olhos, asperiza muita de obras.

«Isto, de seu natural lhes deve vir ; porque são tam rijos que parece não terem em muito senão o que trabalhãem muito.

«Nós outras, brandas de nosso nascimento, fazemos outra cousa ; porém, se êles comnosco entrassem a juizo, que razão mostrariam por si ? O amor, que é, senão vontade ? Não se dá, nem se toma por força. Mas, como quer que seja, ou pela desventura das mulheres, ou pela ventura dos homens, sentença é dada em contrario ; que a êles os vençam esquivaças ; e boas obras—a élas !

«Esta só maneira puderam ter para os namorarem, se não foram namoradas d'êles.

«Mas, ao amor, quem lhe porá lei ?

«Porém, este desagradecimento dos homens—que é o seu nome verdadeiro—trouxe muitos desventurados fins, como vereis n'este cavaleiro em que falâmos.

«E não foram vãos os rogos que Cruelcia fez, com as mãos erguidas, ao Ceu, pedindo d'êles vingança.

«Contudo, assentou êle, por derradeiro, de a deixar ; porque além de lhe parecer a senhora Aonia a mais formosa cousa que

vira, pareceu-lhe tambem (por vir de longes terras, e ser n'aquela estrangeira) que mais depressa haveria seu amor. Esta esperança (ainda que bem visse êle que era de longe) contudo grande ajuda foi então para acabar de assentar e confirmar, ou de fazer muito grande, o bem que lhe queria; porque isto vae assim, como quando algum amparo tolhe o sol:—se o toma em cheio, é muito maior a sombra que o amparo que a faz.

«Assim, os que bem querem, porque as esperanças, por pequenas que sejam, tomam sempre em cheio, ou parece que tomam, os estorvos que tolhem a cousa bem-quista; fazem o amor muito maior do que élas são; d'onde veem depois os cuidados que com a morte, ou longa tristeza, se possuem, como foi n'este cavaleiro, que já não cuidava senão de ver como se apartaria do seu escudeiro, de maneira que, depois de apartado, lhe não causasse suspeita alguma d'aquelle lugar, para êle mais á sua vontade gosar d'êle.

«Desejava tanto este apartamento, porque bem sabia êle que havia de sofrer mal o ver-lhe deixar Cruelcia; porque era da criação d'êla, que lh'o dera para o acompanhar, e nunca outra cousa êle lhe dizia senão que

a havia de tomar em matrimonio, — porque era de alto sangue, e herdava terras onde êle podia repousar os derradeiros dias da vida, que não deixam tomar armas com honra.

«Mas, enfim, cuidando o que determinou, o chamou, e fazendo-lhe um discurso largo, entre outras cousas, lhe disse que lhe não parecia bem ser êle mesmo que levasse á senhora Cruelcia a nova da aventura que não achára, vindo por amor d'êla; mas que seria bem levar-lh'a êle, e dizer-lhe que da sua mofina quizera êle que fosse outrem o portador. Que, para êla, não podia êle ir em companhia de novas tristes; e que o esperaria no castelo, que perto d'ali estava, até tornar a trazer-lhe recado se queria êla pô-lo n'outra aventura, pois aquela, assim, não se pudera acabar.»





CAPITULO XIV

De como, partido o escudeiro do cavaleiro da tenda, entrou em pensamentos de como se apartaria d'êle, e mudaria o nome

«**P**ARTINDO o escudeiro com o recado (enganado êle, e para quem o levava) ficou o cavaleiro só, e começou a entrar em pensamentos de que maneira mudaria o nome, para que não fosse sabido onde estava, nem se pudesse saber para aonde ia; que tanto se senhoreou, n'aquelle pouco tempo, o amor d'êle, que a si mesmo queria já, em parte, deixar.

«Mas, lembrando-lhe n'isto que n'outro tempo lhe dissera um adivinhador que, quando êle mudasse a vida e o nome, seria para sempre triste, ficou um pouco mais pensativo; mas tornando logo a fazer menos conta

d'aquelas cousas, como incertas, e, contudo, não querendo ir de todo contra élas, por outras muitas que tinha ouvido, pensou em trocar as letras do seu nome. De maneira que, assim, o não mudaria, nem tentaria os fados.

«Mas êle não viu que isto era engano tambem dos fados.

«Estando êle assim n'este pensamento, acertou, por acaso, que um mateiro vinha do mato pelo caminho que ia ter á ponte, e vinha em cima de sua besta, como deitado, e mal coberto com um enxalmo. Parece que andando êle, despido, cortando a lenha, ateára-se algum fogo perto do seu vestido, e lh'o queimára; e então o mateiro, por lhe querer acudir, descuidara-se de si, e o fogo fizera-lhe algum dano, em partes de seu corpo.

«E, a direito do cavaleiro, topou com outro mateiro, que para o mato ia, que lhe perguntou, vendo-o vir assim sem lenha, para que fôra ao mato, respondendo-lhe o mateiro queimado, falando-lhe galego, estas sós palavras :

—«Bim n'arder.»

«Olhou o cavaleiro para o barbarismo da

letra mudada na pronunção de *b* por *v*, e pareceu-lhe misterio : porque êle era aquele que tambem se fôra a arder,—e quiz-se chamar assim d'ali ávante».





CAPITULO XV

**De como Bimnarder soube de um servidor
de Lamentor que este ordenava fazer ali uns paços,
e do mais que lhe aconteceu com a sombra
que lhe appareceu**

« **N**ÃO passou muito que, por aquele lugar, não viesse um dos servidores de Lamentor, que atravessava para o castelo.

«Quando Bimnarder soube d'êle que Lamentor tinha ordenado fazer ali uns paços grandes, e morar n'êles toda a sua vida, algum respouso mais deu isto a Bimnarder; que, d'antes, a pouca certeza que tinha da estada de Aonia n'aquella terra lhe dava grande fadiga ao pensamento.

«Mas, afrouxado da parte d'este cuidado, entrou n'outro: — do que faria de si, e para aonde se iria; no qual esteve até a noite, sem poder assentar nada consigo. Porque se o

ir-se d'ali para outra parte, lhe era já grave; ficar, parecia-lhe impossivel cousa poder-se esconder do seu escudeiro.

«Combatido assim de uma cousa e de outra (ainda, porém, sem determinação nenhuma) ergueu-se,—como forçado da noite, mais que da vontade.

«Buscando o seu cavalo, onde o deixára o escudeiro, não o achou. Tornando-se então para o freixo onde antes estivera, para d'ali olhar se fôra beber a este rio, mas não o vendo nem sentindo em nenhuma parte, encostou-se então assim ao freixo, pensando, á primeira, no cavalo. Mas não tardou que logo não tornasse ao seu verdadeiro cuidado, imaginando, parece, a senhora Aonia na fantasia, afigurando-se-lhe vê-la da maneira que a vira. E, de piedade amorosa, lhe estavam vindo as lagrimas aos olhos.

«Estando êle assim, todo ocupado d'aquella doce tristeza, sentiu como que alguém junto de si.

«Olhando, com o luar que então fazia, viu uma sombra de homem de estatura desproporcionada (de nosso costume) estar perto d'êle.

«A subita novidade o moveu á alteração,

mas, como estorçado que era, lançando mão á sua espada, cobrou ousadia de lhe perguntar quem era; e vendo que, contudo, se cava, se poz a mover para êle, já com a espada arrancada, dizendo :

—«Ou me dirás quem és, ou o saberei eu.»

—«Está quêdo, Bimnarder (chamando-o assim por seu nome)—lhe disse a sombra—que inda agora foste vencido por uma donzela chorando!»

«Deteve Bimnarder o passo, espantado de aquilo que ainda então cuidava êle que o não sabia ninguém; mas, tornando logo a querer-lhe perguntar de onde o sabia, a meia palavra, olhou. . . e viu aquella sombra que, virando-se para umas moitas grandes, que 'hi cerca estavam, se ia metendo por entre elas, pouco a pouco. E assim se encobriu e desapareceu.»





CAPITULO XVI

**De como, estando Binnarder muito pensativo
no que faria, viu de subito vir o seu cavallo fugindo
de uns lobos que o queriam matar**

«**Q**UANDO Binnarder com o pensamen-
to cheio do que aquilo seria, come-
çou de ouvir um estrondo grande
que vinha pelo mato para aonde êle estava.
E, inda bem o não ouvia, quando, correndo
por ante si, viu passar o seu cavallo, e uns lo-
bos após êle, e após êles, de longe, vinham
correndo uns cães com grande gasnada.

«E, ao saltar d'este ribeiro, caiu n'êle o
cavallo. E, chegando os lobos, começaram a
mordê-lo por todas as partes, de maneira
que, conquanto prestemente Binnarder
acudiu, já êle era morto.

«E não tardou nada que uns pastores, que
perto d'ali tinham a malhada do seu gado,

ao filar dos cães, vieram ali ter, afigurando-se-lhes ser morta alguma rês; e, achando Binnarder assim agastado, começaram-no a querer consolar com palavras e modos rusticos, oferecendo-lhe pousada por aquela noite.

«Aceitou êle, ainda que não desejava então companhia; mas pelas horas o fez, e tambem porque logo cuidou que, quando os pastores fossem no seu rebanho, não lhe haviam mais de tolher o tempo ao pensar,— que para êles não se fizera a noite senão para dormir.

«Foram assim ao fato de uma grande manada de vacas (que todas estavam alevantadas, com o alvoroço dos cães e medo dos lobos) metendo-se os pastores e Binnarder por entre élas, que lhe iam fazendo lugar, e escornando umas ás outras.

«E, assim, saindo d'entre élas, estava uma fogueira grande junto de uma choupana de sebes, cortiçada por cima. E junto d'esta, ao fogo, jazia deitado, sobre rama verde espalhada, um pastor já de todo branco, que maioral era do fato; e tinha sua cabeça encostada sobre um tronco de madeira; e uns rafeiros ainda pequenos lançados em parte

por cima do velho pastor, e outros, grandes, com as cabeças estendidas sobre êle.

«E, em os pastores chegando, ergueu êle a cabeça um pouco, e, como homem que era avisado em semelhantes casos, descansadamente começou a perguntar pelo que se passava. Contando-lhe êles que não era nenhuma rês morta, tambem lhe contaram do cavaleiro que traziam.

«Ergueu-se êle então assentado, e fazendo-lhe lugar na rama de sua cama, lhe rogou que se fosse assentar. E assentado Bimnarder, e assentados todos derredor d'aquella fogueira, pediu o velho maioral a Bimnarder que lhe contasse como aquelle desastre lhe acontecêra.

«Contou-lh'o êle, brevemente, por lhe satisfazer: como andando o seu cavallo pastando vieram aqueles lobos, e mataram-lh'o, primeiro que lhe pudesse valer.

«Ao que, começou com uma fala retumbada a falar o pastor, como que o queria consolar n'aquella mofina, dizendo:

—«Os desastres que acontecem com os animaes ferozes n'este valle, é cousa espantosa, e, para quem o souber, mais leves de sofrer, se a companhia em isto dá consola-

ção! N'uma noite de inverno escura, sendo eu mais novo que agora, diante dos meus olhos, me tomaram a minha vaca bragada (mãe d'est'outras bragadas, que tenho'inda agora) e mataram-na. Pois tinha eu então ao pé de mim o rafeiro malhado, e a rafeira branca sua mãe, armados os pescoços ambos, que nunca me achei com êles em lugar tam ermo nem em noite tam trabalhosa, que não estivesse seguro como na metade do dia; mas então pouco aproveitavam êles a mim, que bradava a coitada da vaca, e bramiam tam doridamente que, em breve espaço, ajuntou quanto gado tinha, que estava, á la fé, a um bom pedaço d'ali. E já aqui, onde agora estou, me vieram no claro dia matar quantos bezerrinhos tinha, que inda não eram para andarem com as mães.»

—«É porque estás então aqui, pastor honrado?» — lhe disse Binnarder.

—«Nunca vistes outra cousa, lhe disse o pastor, não ha o haver senão onde ha o perder. A terra é abastada de pastos: e, assim como cria o bom, cria o mau. Já ouvi dizer a um grande homem, que era dado ás cousas do outro-mundo, falando na povoação d'esta terra (que, ainda que a vêdes assim,

por partes, metida a mato, é de pastores, em muita maneira, povoada) que isto era uma das maravilhas da natureza: de uma mesma terra nascerem duas, tam contrarias uma á outra. E isto não era só nas alimarias, mas nos homens:—que não ha maus senão onde ha os bons, e não ha ladrões senão onde ha que furta. Mas, quanto a mim, não sei qual é pior para nós outros, pastores:—na terra de pouca ervagem perece-nos o gado á fome, e cá n'est'outra, matam-no-lo. Assim, em toda a parte nos vae mal. Mas nós outros somos, enfim, como dizem que são todos os outros homens (e vós, senhor cavaleiro, o sabereis): podemos melhor sofrer o mal que nos faz outrem que o que nós fazemos a nós outros mesmos. Os danos da terra fraca, porque está em nosso poder sairmo-nos d'ella, não os podemos sofrer; os da outra, que não está em nós vedarmo-los, sofrêmo-los como podemos. Assim, tambem digo eu, senhor cavaleiro: no vosso caso, não estejaes agastado; descansae, e tornaes tudo á culpa da terra.»

«Estas palavras, a Bimnarder, pareceram bem; e, se não fôra porque era contar o pastor a verdade de sua vida, cuidára êle que

não eram estas palavras de pastor; mas o que cada um passa, facilmente, o sabe bem contar; e, por isso, não lhe tornou resposta mais que umas palavras em sinal de agradecimento d'aquelle bom conforto, fazendo menção de querer repousar; o que vendo, o velho pastor mandou a todos que se calassem, e que dormissem. E foi feito assim.

«E começaram em breve espaço os pastores a roncar, estirando seus rusticos membros, uns para cá, outros para lá, como ao sôno aprazia.

«Só, Bimnarder não podia repousar, tendo no coração a quem êle não doía. E quando a todos a escura claridade das estrelas aconselhava o sôno, d'êle o tinham desterrado os seus cuidados.

«Antes, com os olhos postos para aquella parte d'onde viera (segundo parecia, com o corpo só) á senhora Aonia, ausente, êle a ouvia chorar.

«E em a longa noite esteve assim, 'té que aquele cansado corpo adormeceu aquella parte dos sentidos sobre que tinha algum poder. Sonhos e fantasias ocuparam a outra.

«Mas, depois de um pouco de sôno, acordou êle, todo banhado em lagrimas, porque

sonhára, chorando, que o levava d'ali, por força, a sombra que vira d'antes. E correndo-lhe, por isto, muitas cousas pelo pensamento, assentou consigo de se não ir d'aquela terra, 'té ver o que podia ser d'êle n'aquela cuidado, que o assim tomára, e assim o seguia.

«D'esta maneira, cuidava êle que não iria contra aquilo que, porventura, lhe adivinhava o sôno, se o fizesse.»

«Tamanho desejo tinha de se não ir nunca d'ali, que tudo lhe parecia que lh'o aconselhava; e, de muitas maneiras que cuidou, n'esta assentou por derradeiro: despedir-se cedo d'aquela velho maioral, e ir-se a algum lugar perto d'ali, onde mudasse os trajos, e tornasse a assentar vivenda com êle, que grande rebanho lhe parecia que trazia.

«E, ainda que muitos mancebos lhe visse, a pouquidade da soldada faria com que lhe não fosse sobejo qualquer pastor.

«E assim o fez.»





CAPITULO XVII

**De como Binnarder assentou vivenda com
o maioral do gado, e do que a donzela passou com
a dona em sua historia**

Eis Binnarder pastor de vacas, — que não houve ahi nada impossivel no amor grande.

«Muito tempo passou êle n'aquela vida, com maus dias e piores noites; porque Lamentor, no começo logo do seu assentamento, mandou fazer primeiro umas casas para recolhimento, não mais; e a muita gente que era vinda para as obras, pela labutação grande que tinha, por causa da grande pressa que Lamentor dava a élas, tolhia a saída das mulheres, pelo que Aonia não appareceu um grande tempo, para Binnarder, ao menos, ter aquele contentamento que a vista dos olhos dá áqueles que do mais carecem.»

«Conheciam-no, porém, já todos os de casa, e chamavam-lhe o *pastor da flauta*, porque êle costumava trazê-la sempre, pois para remedio da sua dôr a escolhêra, depois de se desconhecer.

«Tambem assim, muitas vezes, ora pela ribeira d'este rio, e outras horas por estas altas assomadas (que fazem, como vêdes, mais gracioso este valle) andava tangendo, e cantando em palavras pastoris. Este só contentamento lhe era algum conforto para o seu mal, e para desabafar o seu coração, que tam ocupado de profundos e muito penosos pensamentos trazia.

«Muitas cousas sabia meu pae, suas, que arremedavam de pastor, e tinham as cousas de alto engenho, ou, mais verdadeiramente, de alta dôr, postas e semeadas tam docemente por outras palavras rusticas, que quem bem olhasse facilmente entenderia como foram feitas.

«E, assim, tinha mais outra cousa, a meu fraco juizo e parecer: é que o bom pastor, n'aquela baixeza de estilo, pela impressão da presunção que punha, e de si mostrava, como que via mais depressa haverem d'êle compaixão todas as pessoas que o ouviam,

tanto póde a imaginação em todas as cousas.

«Mas, de todas, uma só me vem á memoria, e lembra-me que dizia meu pae que êle a cantára, e ouvira-lh'a a ama da menina.

«Por certo, parece que assim o ordenou a ventura para que Aonia fosse sabedora de seu cuidado, já quando êle de todo andava desesperado; e, não se podendo d'ali apartar, ordenava, andando, desvairadas cousas de si, que desvairadamente o atormentavam.

«Tambem, para que tudo fosse como cumpria á desventura que estava ordenada, aconteceu que a velha ama era natural d'esta terra, e, n'outro tempo, quando era moça, parece que um mercador muito rico e gentilhomem, (que viera d'aquelas partes d'onde Lamentor) por asos e visinhança, houvera o seu amor; e com dadas grandes, e promessas maiores, a levára de sua terra, de casa de seu pae, que a tinha muito estimada e guardada, mais ainda do que a seu estado convinha; mas tudo pela sua formosura d'êla, era bem empregado.

«Era ensinada a livros de historias, pelo

que era já então sabida, e depois, quando velha, o foi muito mais.

«E, dizem que, chegando ambos á terra do mercador, por grandes desventuras, o veio éla a perder, ainda quando moça e formosa. Mas ficando assim em terras estranhas, movida de compaixão, a mãe de Belisa a recolhera para sua casa, d'onde ainda lhe estava ordenado este outro desterro para a sua terra.

«De como a levou êle, e o éla perdeu, se conta um grande conto. Deixá-lo-ei agora, porque tenho outro caminho tomado, ainda que, entre os homens, todos os caminhos vão ter a fim de mulheres; mas, pois moraes n'esta terra, outra hora nos veremos, e contarvo-lo-ei então, se porventura vos ficar desejo de ouvi-lo.»

—«Ainda, senhora (me não pude eu ter que lhe não dissesse) que eu tinha já posto em minha vontade nunca ter desejo nenhum, este quero eu ter,—que tanto podem as cousas vossas comigo; e mais, pois é conto de mulher, não póde deixar de ser triste. E, d'esta maneira, tambem em parte não irei contra meu proposito; porque desejando ouvir tristezas, não se póde isto verdadeira-

mente chamar desejo, que só o desejo deve vir d'aquilo com que se haja de folgar. E, se tambem acontece o contrario, será porque tambem o desejo engana muitas vezes, como todos os outros sentidos.»

— «Nós outras, tristes, (me tornou éla então) chamaremos logo a este desejo desgosto; porque não se deve espantar ninguem de ver mudadas as palavras ou o entendimento d'élas, nas pessoas em que se mudaram tambem muitas outras cousas, que não dissera nem cuidára ninguem que se podiam mudar.

«E tambem, filha e senhora, ainda que me vós vejaes assim, já em idade em que as tristezas passadas não deviam ser-me causa de mais que de haver tudo por nada, e julgar o presente pelo passado, e, enfim, estimá-lo assim; contudo, tamanhas foram as causas que me fizeram triste, que o sofrimento d'élas, e o longo tempo, não me faz senti-las menos. Pensando n'isto, muitas vezes digo eu que não póde ser senão que quando a fortuna ordenou desgostar-me, para que a vida não sobejasse á dôr, as compassou, parece, ambas assim, que não fosse uma maior que a outra; e venho a entender

n'isto que não se acrescenta mais a minha dôr que a vida. E perdoae-me ir-vos assim saltar a falar de mim, tendo ainda por cumprir o que vos prometi. Que a sua dôr traz a cada um assim. Tambem os meus feitos: indo para fazer uma cousa, faço outra. E a mim, muitas vezes, d'esta maneira, me sou eu mesma em vergonha.»

—«Não podeis vós já, senhora, fazer cousa ante mim que haja mister perdão de mim; antes, quanto mais vossas cousas ólho, me vae parecendo que não viestes aqui senão para vos eu ouvir; que, até agora, costumava eu andar espantada, de mim para comigo, como podia durar tanto uma dôr depois d'acabada a causa d'êla, e como a não gastava o tempo, como as outras cousas todas que n'êla ha! E, porque eu não via isto na minha mágoa, tomava dando a culpa d'isto a outrem, porque, pela ventura, me era forçado tornar a dar a mim maior pena... Ou... que digo eu, pela ventura?... E aqui, indo eu para dizer outra cousa mais, se me poz diante o pouco conhecimento d'entre nós ambas, e calei-me, —assim como que me não quizera calar. Êla, docemente, dissimulando porventura, (se-

gundo no fim de sua fala me pareceu) seguiu dizendo :

—«Das culpas que alguém dá a quem bem-quer, sempre lhe ficam as penas d'élas, e com razão; que vos não quereria eu a vós bem se vos eu o pior desse: mas antes me espanto ainda de, quem quer bem, como pôde culpar a quem o quer; senão que, torno a dizer eu, que pôdem fazer isto, pela pena que lhes fica; que a éla tomam êles, como por vingança da força que se fazem n'isto a a si mesmos. Tambem, senhora, fui moça como vós; culpei já alguém contra minha vontade. Causa de grandes desgostos me foi, muitas vezes, não me poder eu escusar a mim mesma só de culpar outrem. Foram desvarios de amor. Ha isto n'êle, como ha outras sem-razões infindas, sofridas como êle quiz, que 'té n'este nosso sofrimento poz tambem cousas que se não sofrem senão pela ventura!»

«E, a esta palavra, tirou os olhos de mim, como que queria dizer que não me entendia, pois lh'o eu queria encobrir. E a mim, que me pareceu mau ensino, a uma senhora, dona e triste, que me tanto dava de si, negar-lhe parte de minhas tristezas, pois

lh'as já d'antes quizera significar, disse eu então:

— «Cuidae de mim, senhora, o que quizerdes; que, assim, me parece que sois desgostosa; que esta maneira é melhor que todas para saberdes a verdade da minha vida, que toda é uma longa queixa.

— «Fazeis bem (me tornou éla) que essa maneira é tambem a melhor para vo-lo eu não ousar perguntar, que tam bem afeiçoada vos sou já. E, pois ha de ser tam triste, não a quero antes ouvir. Por isso, tornaremos ao conto. Éle acabado, farão de nós as nossas tristezas á vontade, que tambem se desejam contadas, como os prazeres. Mas, o conto, foi assim como agora direi:»





CAPITULO XVIII

Em que a ama dá razão á donzela da cantiga de Bimnarder

«**D**ISSE (se vos lembra) que uma só cantiga me lembrava, que dizia meu pae que lhe ouvira a ama, — e foi d'esta maneira:

«Começava a cair a calma, e havia pedaço que o pastor da flauta estava assentado á beira d'este ribeiro, sobre um torrão, olhando para a parte contraria, d'onde a ama acertou por acaso de o ouvir. Estava tangendo de mansinho a flauta, para consigo.

«Estando êle n'isto, deixára-se vir um rebanho de vacas, correndo, apressadas da mosca. Passando por êle, se foram meter na agoa até aos peitos; e, deixando êle então de tanger, ficou como pensativo um pouco,

porém, sem tirar a flauta d'onde a d'antes tinha, como transportado.

«Olhou para isto a ama, e quizera-lhe dizer que tangesse, que bem lhe parecera d'antes. Mas, estando para lh'o dizer, começou êle então a tocar a flauta, docemente, de maneira que fez detença a ama.

«Parecendo-lhe cousa triste, e mais que de pastor, deu-se toda a ouvi-lo, senão quando êle, depois de um pedaço grande, largou a flauta, e começou assim:

«P'ra todos houve 'hi remedio
P'ra mim só não o houve ahi:
Inda mal que o soube assi.

«Fogem as vacas p'ra a agoa,
Quando a mosca as vae seguir;
Eu só, triste em minha magoa,
Não tenho a d'onde fugir:
D'aqui não me posso eu ir,
Estar não me cumpre aqui,
Que o que eu quero não o ha 'hi.

«Entretanto a calma dura,
Tem esta fadiga o gado,
A manhan pasce em verdura,

A tarde em o sêco prado;
Dorme a noite sem cuidado,
Pois tudo achou para si.
Descanso, eu só o perdi.

«A mim, nem quando o Sol sae,
Nem depois que se vae pôr,
Nem quando a calma mór cae,
Não me deixa a minha dôr.
Dôr, e outra cousa maior,
Convosco hoje amanheci,
Convosco honte' anouteci.

«Crendo que assim findaria,
Dei-me todo ao que padeço:
Um dia leva outro dia,
Por um mal, outro conheço.
Se o fim responde ao começo,
Ai! quam mal que me provi,
Que no começo o fim vi!

«Se nasci p'ra meu mal vêr,
E não p'ra vê-lo acabado,
Melhor fôra não nascer,
Que vêr-me desesperado.
E, pois que n'este cuidado
Me traz tam cego após si,
Inda mal que o soube assi!

FIM

«Entre lagrimas e pranto,
Nasceu o meu pensamento.
Cresceu, em tam pouco, tanto,
Que é mais alto que o tormento!
Passa o que passo ao que sento.
Mal faz quem me esquece assim,
Que após mim não ha outro mim.»





CAPITULO XIX

De como conta a ama á senhora Aonia o que vira fazer ao pastor acabada a cantiga

«**L**M dizendo este derradeiro verso, parece que não podendo êle já sofrer as suas lagrimas, calou-se, como estorvado d'êlas; e, entendendo-o a ama, pelo largar da flauta, e tomar da aba do gabão para limpar-se, tamanha paixão a comoveu que não pôde ter as suas, lá onde estava, e sempre lhe falara, se não fôra que vinham chamá-la já de casa.

«Foi forçada a levantar-se éla, e foi-se, ocupada toda a fantasia d'aquele pastor, pois algum grande misterio lhe pareceu.

«E como o que está ordenado de ser, logo traga asos consigo, entrando a ama em casa, e topando Aonia só, á boa-fé, sem mau en-

gano, se poz'a contar-lhe tudo, e a jurar-lhe e tresjurar-lhe que não podia ser pastor.

«E, porque já Aonia entendia a lingoagem d'esta terra muito bem, lhe disse a ama a cantiga. E quando lhe veio a contar como o pastor, com aquelas derradeiras palavras, deixara cair a flauta no chão, e com a aba do gabão (que de burel era) se limpara das lagrimas que com élas lhe vieram; e, acabando de limpar-se, olhara para a aba, que com ambas as mãos tinha, e como (parece) lembrando-lhe do que éla era, ou não sabia porque, encostara o rosto a éla, assim entre as mãos, como estava; e, após um grande suspiro, se deixára estar assim, e assim ficara quando éla viera, que, pela chamarem n'este meio tempo se tornara tam triste como havia muito tempo que o não fôra por cousa alheia. . . E encheram-se-lhe á velha ama os olhos d'agoa, em dizendo «cousa alheia». E assim se virou para outro lado, e foi-se fazer cousas de casa.

«A senhora Aonia, (que ainda então era donzela d'entre treze a quatorze annos) sem saber que cousa era bem-querer, de umas lagrimas piedosas regou as suas formosas faces, e, sobre élas, os sentidos primeiro lhe in-

clinou, tanto podem, algumas horas, as cousas ouvidas!

«E, se não fôra que era éla moça, facilmente o entendêra logo; mas, não o entendendo, mil vezes n'aquelle dia tornou a pedir á ama lhe dissesse, ora a cantiga, e ora como estava o pastor.

«E, por acerto, perguntando-lhe uma vez de que feições era, lhe disse a ama:

—«Eu já outras vezes o vi, de bom corpo, e de boa disposição; a barba um pouco espessa e um pouco crescida que a êlê traz, parece que é aquella a primeira ainda. Os olhos brancos, de um branco um pouco nublado; na presença, logo se enxerga que alguma alta tristeza lhe sujeita o coração.»

«Lembrou a Aonia só tornar-lhe a perguntar quando foram as outras vezes que o vira.

«Disse-lhe então a ama que o pastor se vinha pôr derredor d'aquelas casas sempre, e ás vezes se punha a falar com os officiaes, e outras andava defronte (na ribeira d'aquelle rio) pastorando o seu gado. E este era o pastor a que todos chamavam «o da flauta», que conhecido era de todos.

«Não o conhecia Aonia, porque nunca

saira fóra. Mas como então logo poz na sua vontade de olhar para êle, e de buscar maneira para isso, (tamanho dó lhe fez ouvir d'êle o seu canto) enganada assim d'aquella falsa sombra de piedade, que toda aquella noite seguinte não pôde dormir. Mas não que já fosse declarada consigo, nem debaixo d'aquelle desejo determinasse nada; porém, ardia em fogos de dentro de si.

«E porque de todo o ponto se acabasse isto de confirmar de todo, ainda bem não era manhan, saindo a ama da menina a uma varanda á maneira d'eirado (que sobre uma parte das casas estava, e fôra feita, logo no começo, para despejo) viu o pastor estar só, sobre a borda d'este rio, não muito longe do lugar onde o éla vira o dia antecedente, — que ali estava o freixo onde se êle poz a primeira vez que saira da tenda, onde tambem viu a sombra, como vos disse, e ali foi onde depois veio a morrer.»





CAPITULO XX

**Da peleja que o touro do pastor teve com outro,
e de como o matou;
a qual Aonia estava vendo do eirado**

A COMO assim o viu, foi logo dizê-lo a Aonia, correndo, tamanha pressa dava já a fortuna ao desastre, ou era vinda a hora que se não podia alongar. E, como lh'o houve dito, occupou-se em negocios de casa.

«Levantou-se Aonia, e deitando só uma roupa grande sobre si (que, em camisa, estava ainda na cama) se foi ao eirado, e viu-o estar virado para aquella mesma parte. Mas, vendo-se Aonia no eirado, e vendo-o, lembrou-se logo de que ia toucada de um arrodilhado só, como se erguera; e, ou por não parecer que se erguera então, ou já para não parecer mal, lançou uma manga da ca-

misa sobre a cabeça, e se deixou estar assim.

«E, n'isto, começaram as vacas, pascendo, a rodeá-lo n'aquela lugar onde êle estava, que era uma maneira d'outeiro pequeno.

«Andando pascendo élas, umas para cá, e outras para lá, deixou-se de outra manada vir um touro grande e medonho, urrando, e lançando de quando em quando a terra sobre as ancas; e, d'outras vezes, parecia que a queria comer, meneando a cabeça para uma e outra parte.

«E, chegando ás vacas, começou tam feramente a pelear com outro seu igual, que espanto fazia a éla, lá onde segura estava d'êles no mais.

«E, andando assim, começaram de se ir chegando, com grande peleja, para o lugar onde êle estava. Mas vendo éla que não se mudava êle, nem tirava os olhos d'aquela parte onde olhava, antes parecia (segundo estava segura) que os não via, senão que isto não era para crêr; quando éla, de todo em todo, viu que os touros se iam chegando a êle, ficou esmorecida; e, tornando a si, olhou. E, com o espaço que se metia em meio, tolhendo-lhe os touros a vista d'êle,

parecendo-lhe que o tomavam debaixo, caiu para o outro lado, como morta.

«Vendo Bimnarder aquilo (que para outro lado não olhava) deu-lhe logo no coração o que era; e ainda que êle tivesse muitas razões para o duvidar, ou não o haver por certo, (pois de sua vontade, Aonia, não era sabedora, que êle soubesse) contudo creu; porque assim o quiz o bem-querer grande; que todas as cousas duvidosas fossem mais certas, ou por mais certas se crêsem.

«E, cobrando força da melancolia que houvera, pelo que suspeitou, com um cajado grande que tinha na mão, atirou ao touro alheio, que já a melhor do seu levava, e quiz a sua dita que lhe quebrasse uma perna. E, lançando-se rijo e acordadamente para êle, o levou por um dos cornos. E como Bimnarder fosse de muito grandes forças, e com a ajuda do seu touro, que por instinto natural conheceu o socorro (e lhe também começou, por sua maneira, a ajudar) prontamente deu com o outro em terra; e, virando-lhe a cabeça para o ar, o deixou que se não pôde bulir.

«Viram isto todos os de casa, que ao estrondo grande, e urros dos touros, acudiram;

e foram todos espantados do esforço grande do pastor, e não falavam de outra cousa.

«A ama, que tambem o viu, foi-se em busca de Aonia, para lh'o contar; mas, não a achando na camara, lembrou-se que estaria no eirado. Indo lá, a achou deitada.

«Chegando-se a éla, a viu como passada d'este mundo, e, dando um ai grande, lançou a mão ao seu rosto; mas, ao brado, acordou Aonia, como cansada.

«E, parece, como trazia o pensamento occupado do pastor, foi-se-lhe afigurar o que receava, pois cuidou que o que fazia a ama seria com dó do pastor, que assim tambem chorava éla quando lhe contava o que fizera êle o dia antecedente. E a primeira palavra que lhe disse foi: — «E o pastor? . . .»

«Descansou a ama com isto que lhe ouviu, parecendo-lhe que esmorecêra éla por ver a afronta tamanha em que se puzera o pastor, como é costume das mulheres.

«Mas n'éla era outra cousa maior, que estava ainda ha bem pouco tam longe de poder ser como éla de o poder então cuidar.

«Mas tudo já póde ser; ao longo tempo, não é nenhuma cousa nova.

«Contou-lhe então a velha ama tudo o

que passara o pastor. E, tornada a suas forças, se ergueu Aonia, e puzeram-se ambas um pouco a olhar para o touro, que no chão jazia.

«Estava ahi muita gente, dos officiaes da obra, e de casa; e, se não fôra pela vergonha que havia Aonia de a verem, que era em extremo bem acostumada, não se fôra éla d'ali. Mas contudo foi-se, já um pouco tam declaradamente contra sua vontade, que o entendeu éla; porém, como era aquele o primeiro cuidado, não lhe pareceu de todo o que foi, senão que já consentia éla a si mesma cuidar que, se êle não fosse pastor, logo lhe quereria bem.

«Recolheu-se Aonia para a camara, a vestir-se; e, em se recolhendo, acertou de vir de fóra uma mulher de casa, que tambem, parece, saira a ver a peleja dos touros; e, entrando na casa onde ficara a ama, começou, um pouco alto, a falar-lhe, dizendo:

— «Quereis vós, senhora ama, saber?»

«Aqui, calou-se, como muito maravillhada.

«A esta palavra, que Aonia ouviu, se poz a escutar detraz da guarda-porta da camara.

— «Quê! O pastor?» lhe tornou a ama.

— «É uma maravilha grande, lhe respon-

deu a mulher. Deveis saber (não sei se vos lembra) que este pastor é um cavaleiro que n'aquela ante-manhan, que a Deus prouve levar Belisa para si, chegou aqui, e falou a Lamentor. Eu me acerquei então ahi, e o vi sair da tenda com os olhos cheios da senhora Aonia, e d'agoa; e, todo o tempo que ahi estivera d'antes, sempre a olhou de uma maneira como que não podia outra cousa fazer, e que não desejava fazer outra cousa. Que vos hei de dizer?! Verdadeiramente, me pareceu que se ia êle então como que lhe ficava ahi o coração. E, por isto que entendi, saí logo após êle para ver aonde ia; e êle foi-se sentar junto de um freixo grande que ali está, onde foi a peleja dos touros. Eu não olhei mais o que êle fizera, nem o tempo era para isto disposto, senão agora, que fui ver aquilo que êle fez; e, em lhe pondo os olhos, deu-me logo a sombra d'êle, e tomei isto por mais misterio; porque, quando então, estava eu bem fóra de cuidar n'êle, por esta imaginação subita que me veio, tornei a atentar mais n'êle, e vi que não podia tirar os olhos de cá. E, quando vós vos fostes do eirado, ficou triste, mais que d'antes. Quanto a mim, bastou

aquilo para confirmar a minha presunção ; porque êle era aquele, como Deus é Deus !»

«Era esta mulher um pouquinho lingoa-reira; porém, era avisada, se o alguém era. Mas, pelo outro defeito que tinha, quiz-se a ama encobrir d'êla; e, posto que aquilo tudo logo se lhe assentasse na alma, para o desfazer, disse-lhe que se fosse d'ali; que éla conhecia aquele pastor, e, por lhe ver um dia tanger uma flauta bem, perguntára por êle, e disseram-lhe que era filho do maioral de uma grande manada de vacas e gado que n'este valle anda.

«E assim se despediu d'êla; porém, a velha ama ficou crendo, por que bem sabia éla que os acertos em todas as cousas podiam muito, e no querer-bem mais que em todas élas.»





CAPITULO XXI

De que maneira Bimnarder se viu com Aonia

«**A**ONIA, que estava escutando, ouviu toda esta pratica; e, conquanto a ama contradissera a outra, éla creu. E não fôra isto nada, senão que, após a crença, foram todas as outras cousas que as crenças, n'estes casos, costumam trazer após si; que logo teve desejos, pensando em querer-bem; e já não havia dia nem hora que lhe fosse certo de sua vontade para que se não apartasse d'ali por algum desastre, que éla começou a recear,—porque o verdadeiro bem-querer não póde estar muito sem receio.

«Vêdes aqui como se namorou esta donzela de Bimnarder, que pareceu cousa feita

de acinte; porque ambos se começaram a querer-bem sob uma sombra de piedade; e como haviam de acabar ambos de uma mesma maneira,—começaram assim também, ambos os dous, de uma!

«Aonia, logo que se determinou consigo, não pôde mais descansar.

«É como êle tivesse por costume vir sempre por derredor d'aqueles paços (que sumptuosos se faziam, á maravilha), por uma fresta alta, que na camara onde éla dormia fôra feita só para o lume, se subiu Aonia, sabendo que êle andava ahi.

«E, como o viu, com os desejos que tinha de o vêr, e com o que consigo tinha assentado, pareceu-lhe não tam só assim como êle era, mas como éla queria que fosse.

«Depois de o éla estar olhando um pouco, bem á sua vontade, porque êle, ainda que contra a fresta com o rosto acertasse então de estar, acertou também de estar olhando para o chão, pensativo como costumava, teve éla tempo para o ver bem. Mas, depois de um pedaço bom, não suportando não ser vista por êle, fez que falava com alguma pessoa de casa.

«A isto, olhou Bimnarder, e, conhecen-

do-a, transportou-se, e lhe caiu o cajado no chão.

«Levou Aonia contentamento d'aquelle desacordo, que bem o viu. E esteve assim mais um pouco; mas não pôde tanto forçar-se que a vergonha natural de donzela (ainda tam moça, e tam guardada, como éla era) não pudesse mais que o seu desejo, e tirou-se depressa da fresta.

«Porém, não estando ainda bem em baixo, tornou a espreitar se se fôra êle, e tornou-se logo a tirar.

«Tambem quizera éla tornar outra vez e outras, mas não pôde tantas vezes decidir-se a fazer o que não devia.

«Veio a noite n'aquelle dia mais cedo, para Aonia, do que nunca outra viera. Deus sabe como éla aquella tarde passou! Mas não quero aqui contar muitas cousas, que, por querer-bem, se fazem de maneira que se não podem dizer. A velha e honrada ama, que, com o que suspeitou, entendeu o desassocego de Aonia, que diferente foi logo para quem atentasse n'isso, andava triste, e desgostosa, em parte de si, pelo que lhe contara d'êle. E, por isso, o sentia muito mais, e áquela ceia não pôde comer.

«Mas, recolhidas que élas foram áquella camara da fresta, onde dormiam, e pondo-se a ama a tratar da menina que creava, como costumava, — como pessoa agastada de alguma nova dôr, se quiz tornar ás cantigas; e começou éla então, para a menina que estava tratando, a cantar-lhe um cantar á maneira de solau; que era o que, nas cousas tristes, se costumava cantar n'estas partes, e dizia assim:

ROMANCE

«Tratando-vos estou, filha;
Vossa mãe me está lembrando;
Enchem-se-me os olhos d'agoa...
N'ela vos estou lavando.

«Nasceste, filha, entre mágoa.
Para bem inda vos seja,
Pois em vosso nascimento
Fortuna vos houve inveja.

«Morto era o contentamento,
Nenhuma alegria ouvistes;
Vossa mãe era finada,
Nós outros eramos tristes.

«Nada em dôr, em dôr creada,
Não sei aonde isto ha de ir ter...
Vejo-vos, filha, formosa,
Com olhos verdes crescer.

«Não era esta graça vossa
Para nascer em desterro.
Mal haja a desventura
Que poz mais n'isto que o erro!

«Tinha aqui a sepultura
Vossa mãe, e mágoa — nós ;
Não ereis vós, filha, não,
Para morrerem por vós.

«Não ouvem fados razão,
Nem se consentem rogar;
De vosso pae hei mór dó,
Que de si se ha de queixar.

«Eu vos ouvi a vós, só,
Primeiro que outrem ninguem;
Não foreis vós, se eu não fôra;
Não sei se fiz mal, se bem!

«Mas não póde ser, senhora,
Para mal nenhum nascerdes,
Com esse riso gracioso
Que tendes sob olhos verdes.

•
«Conforto mais duvidoso
Me é este que tomo assi;
Deus vos dê melhor ventura
Do que tivestes 'té aqui!

«A Dita e a Formosura,
Dizem petranhas antigas,
Que pelejaram um dia,
Sendo d'antes muito amigas.

«Muitos hão que é fantasia;
Eu que vi tempos e annos
Nenhuma cousa duvido,
Que tudo é sujeito a danos.

«Mas nenhum mal não é crido;
O bem só é esperado;
E na crença, e na esperança,
Em ambas ha 'hi cuidado,
Em ambas ha 'hi mudança!»





CAPITULO XXII

De como Bimnarder, estando na fresta da camara de Aonia, se poz devagar a ouvir a ama

«**Q**UANTO PASTOR da flauta (que não era pastor) teve n'aquela noite maneira de, com um pau que colheu, arribar á fresta; e já estava n'ela quando começara o solau.

«Bem conheceu na limpeza das palavras, e na pronunção d'elas, que a ama era natural d'esta terra, e avisada; por onde logo receu que, se não tivesse n'ela ajuda, teria grande estorvo.

«Encomendou-se á sorte.

«Acabou a ama de tratar da creança, que não foi tratada sem muitas lagrimas d'ambas, d'ela e de Aonia, que penteando-se esteve entretanto, segundo sentiu Bimnarder,

— que êle nada de dentro podia bem divisar, pelo impedimento de um pano que diante da fresta estava, para amparo d'êla.

«Acabada a menina de tratar, apagando o lume, se deitaram êlas; e, porque a ama tinha sua suspeita, fez que dormia, para espreitar a Aonia; e Aonia, porque tinha seu cuidado, não podia dormir, e ora se revolia para uma parte, e ora para outra; e outras vezes, após um socego de um pouco, (colhendo folego) dava um baixo suspiro longo, á maneira de cansada d'aquilo que acabara de pensar.

«Esteve tudo a ama notando por um grande pedaço.

«E já Bimnarder estava para descer, cuidando que era outrem a que fazia aquilo, senão quando a ama começou assim a falar para a senhora Aonia:»





CAPITULO XXIII

**Do singular conselho que deu a ama á senhora Aonia,
pelo que suspeitou de seus amores**

« **N**ão dormis, senhora Aonia? E que será, senhora, se não podeis dormir? Parecendo-me vae que esta nossa vinda aqui para desastres foi, e não mais; mas assim de longe os ordena a ventura, que logo ao começo se não podem conhecer.

«Mal cuidara eu o que havia de acontecer á senhora Belisa, quando, aquella noite, depois de dormirem todos, nos levantamos nós sós, caladamente, e pelo laranjal do jardim (que com a espessura do arvoredado fazia então mais escuro) passámos cheias de medo, e, vós pegada a mim, toda tremendo, fomos sair pela portinha falsa que acolá, no mais

escuro lugar d'êle, estava, onde achámos a Lamentor aguardando-nos já havia pedaço, todo cheio de esperanças tam longas que, enfim, haviam de vir a ser, assim, esperanças, não mais!

«Por isso, cumpre a todas as pessoas (e ás donas, senhora, muito mais cumpre, pois são as que aventuram mais) que, ao principio das cousas, olhem onde élas pódem ir parar; que não ha nenhuma tamanha, que, no começo d'êla, se lhe não possa resistir, ou deixar sem trabalho; que muitos rios grandes ha ahi que, onde nascem, se podiam impedir com um pé, ou levar para outro ponto; e no meio d'êles, ou depois que colhem forças, todo o mundo junto os não poderá tolher ou mudar. Chama uma agoa a outras agoas, e um erro a muitos erros. . . Em pequeno espaço, crescem de maneira que se não podem depois deixar!

«Gravemente, e com muita prudencia, devia cada um cuidar se o que faz, ou o que determina fazer, é cousa honesta e que convenha; que, se lhe sae bem, todos lh'o teem a bem, e se não, ainda que o mundo lh'o tenha a mal (o que muitas vezes acontece, porque, mal-pecado, já as cousas não são jul-

gadas, senão pelas saídas d'elas) não tem ao menos de que se queixar consigo.

«E grande bem é, a meu ver, excusar a pessoa as inimizades entre si, pois não ha lugar cá n'este mundo que defenda a ninguém de si mesmo.

«Póde-se tolher inimigo e inimiga, frio e chuva; cuidado, póde-se tomar, e tolher — não.

«Já quem faz o que deve, saindo-lhe como não deve, não quero afirmar que lhe não dará paixão; que a perda de qualquer proposito (ainda que seja desarrazado) a dá. Mas, assim, digo que se lhe der paixão, dá-lhe sofrimento para éla.

«Bem-aventurado se póde chamar, n'esta vida, quem tem dôr que se suporte; pois, segundo parece, não se póde viver sem éla, assim como assim.

«Nos amores, cuidará alguém que não é isto necessario, e que não é costumado; cuido eu que não poderá ser mais necessario. Em todas as cousas se deve haver respeito ao como e ao quando, e ao porque e para que se fazem, para se não errarem. Maiormente se deve ter este respeito nos amores, pois são tam sujeitos aos erros, que mais mal

contado seria, ao caminhante rico, se fosse desprevenido pelo lugar que de ladrões é seguido, que por outro que o não fosse; porque n'este, se lhe acontecesse algum desastre, culparia a ventura; mas n'aquel'outro culparia a si, que são culpás mais graves de perdoar.

«Por isso, senhora, vos peço que aprendaes de mim, que vi culpas, e os danos d'élas, porque assim como toda a pessoa, no bem, é mais amiga de si que d'outrem, assim tambem, no mal (quando acontece que haja algum desvario consigo) é mais inimiga de si que de ninguem.

«É isto não é para espantar, porque é inimigo de casa, como dizem.

«Ainda mal, muitas vezes, que me foi necessario que vo-lo dissesse, porque o soube para vo-lo dizer!

«Querei antes, senhora, não ser contente que arrependida.»

«É aqui, fazendo a ama uma pausa, não para acabar, mas sim para descansar (que vontade tinha já de lhe dizer tudo) sentiu dormir Aonia.

«E, cuidando que fosse fingido, esteve um pedaço espreitando-a, e, por derradeiro, pon-

do-lhe a mão, e bulindo-a, se certificou que dormia. Parece que, cansada do trabalho não acostumado, adormeceu. Éla era moça, e nunca se vira n'outra. . .

«A ama, ainda que isto lhe fizesse duvidar do passado, contudo, pelo que passara já por éla, pareceu-lhe o que era, porque não ha cousa que traga mais certo o sôno ás moças que a dôr grande: e ás velhas, tira-lh'o.

«E com esta fantasia, em que a ama se afirmou, adormeceu tambem.»





CAPITULO XXIV

**Em que se conta o mais que a ama passou com a
senhora Aonia ácerca de Bimnarder**

«**B**IMNARDER, que todo aquele tempo passou como Deus sabe, vendo que assim se calavam, não soube que determinar; porque tam magoado ficou das palavras da ama, pelo dano que temeu de lhe fazerem, que se lhe turvou o juizo, e não soube dar saída nenhuma áquele calar.

«E assim enleado, ácerca do que seria, esteve até que a manhan o levou d'ali, bem contra sua vontade; porém, não se pôde ir para longe d'ali.

«Da mágoa d'êle, não vos quero contar. Era homem; poderia com éla. Mas da coitada de Aonia (a quem as boas palavras da ama

não aproveitaram mais que para se guardar d'êla) vos contarei:

«Ergueram-se pela manhan, e, posto que a ama tentasse Aonia, dizendo-lhe se ouvira a noite passada o que lhe éla contara, éla dissimulou altamente. Pela sua idade, e pelo amor de criação que lhe a ama tinha, creu logo de todo, e pelo socego de Aonia, feito de acinte, o acabou de confirmar, e houve o passado por nada. Pareceu-lhe que seria o desassocego de moças: que ás vezes, por mocidade, fazem cousas que não fariam em outra idade, ainda que n'isso fosse todo o seu desejo.

«Assentando a ama n'isto, meteu-se na ocupação de casa (que era grande) porque sobre éla carregava tudo; pelo que a Aonia ficou lugar e tempo que bastava para pensar mais á sua vontade, e para fazer com que Bimnarder fosse certo d'êla.

«Pondo cofres sobre cofres, fechando a porta da camara primeiro, dissimulando fazer alguma cousa, se subiu á fresta. E, ainda bem não era n'êla viu Bimnarder, que não estava longe d'ali, nem tam perto que a conhecesse logo; pelo que se deixou estar um pouco, para se afirmar melhor.

«Éla, que não suportou já aquela tardança, lançando uma manga da camisa fóra da fresta, fez que o chamava.

«Chegou êle com presteza, e, vendo-a, ficou assim sem lhe poder dizer nada. Mas Aonia, que estava já determinada consigo, ousou falar-lhe primeiro, mas não o que éla quizera, porque não pôde a tanto decidir-se.

«E, mudando o proposito n'aquilo que se acertou, lhe disse :

— «Aqui andaes, pastor, cada dia, sempre!»

— «Essa fresta, lhe respondeu êle, não está ahi, senhora, de noite tambem?»

«Aonia, que o entendeu, muito de manso lhe tornou :

— «Está», ajudando a palavra com o abai-xar dos olhos, que de todo então, ao dizer d'aquilo, poz n'êle.

«E não a entendera Bimnarder, se não fôra por isso, mas não lhe tornou êle resposta. Éla, n'isto, desceu-se, porque se lhe afigurou que buliam na porta da camara; e, tornando os cofres a seu lugar, se foi abri-la, e, não achando ninguem, quizera tornar para a fresta, senão quando, n'isto, veio a ama com outras mulheres de casa.

«De maneira que, todo aquele dia, não teve outro tempo; mas logo, n'aquelas palavras que lhe o pastor dissera, entendeu que eram para que também olhasse de noite para êle. E, com esta esperança que se deu a si mesma, passou aquele dia, que também Bimnarder passou com sua esperança, que tomou d'aquella palavra derradeira que lhe éla falou, com os olhos mais que com outra cousa!

«Mas não cuidara êle, me parece a mim (dizia meu pae) que havia de ser para tanto como lhe saiu, pelo pouco que entre ambos era passado.

«Porém, por isso estava mais certo, me tornou a mim a parecer, (dizia meu pae) porque como a ventura venha mais em todas as cousas que tudo, quem só a tiver não ha mister de mais.»





CAPITULO XXV

De como Bimnarder, pela fresta do aposento de Aonia, lhe falou

«**C**OMO aconteceu a Bimnarder que, vindo a noite, pondo-se á fresta, como as passadas fizera, sentiu-as deitar, e, d'ahi a um grande pedaço, já quando estava desesperado, ouviu pela casa andar de mansinho, e pôrem alguma cousa contra a fresta.

«Estando com o sentido pronto, n'isto sentiu que subia alguém, e não crendo que fosse tanto (como acontece na vista das cousas muito desejadas, e esperadas muito), antes receando que fosse algum desastre, abaixou-se prestes, e deixou-se estar ao pé da fresta.

«Aonia levantou o pano, e, com o escuro que fazia, não viu ninguém.

«Contudo, deixou-se assim estar um pouco, e, não sentindo nada, duvidou de todo, e, indo para descer, disse :

— «Parece que foram só palavras!»

«Conheceu-a, na fala, Bimnarder. Dizendo:

— «Não foram, nem serão», subiu depressa á fresta.

«E éla tambem o conheceu, e subindo, chegando êle, e querendo-lhe falar, disse éla muito devagarinho:

— «Que me perdoeis!»

«N'isto, começou a chorar a menina, e, acordando, a ama se poz a embalá-la, cantando-lhe; mas, não se querendo éla acalentar, se ergueu a ama, dizendo:

— «Não sei se acharei lume, que esta creança sente alguma cousa.»

«E, desde que abriu a porta da camara, se foi á outra casa das mulheres, a procurar lume.

«Aonia, que viu não haver remedio, querendo-se depressa descer, chegou o rosto muito á fresta, dizendo:

— «Ide-vos embora, que não póde ser mais.»

— «De vós, lhe respondeu êle, me não

posso eu ir assim.» E isto, tremendo-lhe a fala.

«E éla, que houve dó d'êle, querendo soltar o pano, amparo da fresta, não se pôde ter que lhe não desse de si alguma presença, e disse-lhe:

— «Pelo que fiz por vós, julgae o que tinha para vos dizer; e perdoae-me (que vos não posso pagar em mais) o soltar d'este pano.»

«E assim o soltou, descendo-se muito depressa, e concertando tudo.

«Quando tornou a ama, já a achou deitada.»





CAPITULO XXVI

De como Bimnarder, estando na fresta
de Aonia, adormeceu,
e se lhe foram, por sonho, os pés, e caiu

DEIXOU-SE Bimnarder ficar á fresta, e ali esteve até pela manhan, que tam occupado lhe ficou o pensamento d'aquelas palavras que lhe Aonia dissera, em se indo, e da maneira como lh'as dissera, que uma cousa e outra não lhe dava a mais vagar, nem tam só para se lembrar de fugir ao tempo.

«Mas como êle não tivesse a noite antecedente dormido, nem o dia que se seguiu, então, como descansado de alguma parte de seus cuidados, adormeceu, não já por os ter menos, mas como acontece a quem traz alguma cousa que muito deseja e anda, entretanto aquelle desejo o traz, sem poder repou-

sar, mas, depois que alguma segurança lhe vem de o ter cumprido, repousa e dorme, como se o alcançara.

«E não podemos dizer que seja então menor o desejo, que antes, com razão, deve ser maior.

«Assim foi Bimnarder, que, parte de cansado, e parte de contente, transportou-se, parece, tanto em seu cuidado, que se lhe foram, por sonhos, os pés e as mãos, e caiu no chão, com o pau após si.

«E, ao cair, lavou toda em sangue aquela parte do seu rosto, que d'aquella banda da parede parece que levou; de que muitos dias esteve mal depois.

«Mas nenhuma cousa grandes se acabaram senão por meio de grandes desastres, como aqui vereis: porque esta queda foi causa de Bimnarder ver o que, pela ventura, nunca vira.»





CAPITULO XXVII

De como a ama, sentindo de noite
o estrondo da queda,
o que sobre isto fez quando foi manhan

MAIS diz o conto que a ama (que a menina não a deixára mais dormir) sentiu todo aquele estrondo. E Aonia, que não dormia, tambem o ouviu, e cuidou logo o que temeu; porém, dissimulou grandemente, porque já se guardava da ama.

«Mas éla, que já tambem estava descuidada de Aonia, foi suspeitar outra cousa: que seria alguém d'aquelas obras, porque muita gente andava ahí, e, porventura, viria espreitar por aquele lugar o que élas de noite faziam, que bem sabia éla que os homens tudo ousavam fazer de noite.

«E, ainda bem não foi manhan, foi derredor da casa, e achou sinaes por onde confir-

moú sua suspeita; e logo mandou tapar a fresta a pedra e cal, contando tudo, da maneira que o éla cuidou, primeiro a Aonia, que lh'o ouviu com tamanha mágoa, que mór trabalho cuidou eu que levaria em lh'a encobrir que em a sofrer consigo: porque o sofrer faz-se por vontade, e a outra coisa contra éla.

«Mas, este remedio tolhido a Aonia, deu-lhe causa para buscar outro maior; e chamando a uma mulher de casa, que Enis se chamava, avisada, e de quem se podiam bem fiar grandes cousas, e assegurada no segredo, pelas melhores maneiras que pôde, contando-lhe seu coração, lhe disse que fosse ver se andava pela ribeira d'aquelle rio o pastor da flauta; e, se o não visse, que perguntasse a algum outro pastor por êle.

«Fê-lo éla assim; e soube que jazia doente em um monte perto d'ali, onde morava a mulher e filhos do maioral do rebanho em que êle andava. E, tomando éla em sua companhia um homem de casa, determinou ir lá, porque tamanha vontade conhecia em Aonia, que não pôde fazer menos.

«Chegou assim ao monte; e, perguntando pelo pastor da flauta, lh'o foram mostrar lá,

em uma casa de palhoça, detraz das outras, onde êle estava. E ficando êles ambos sós, que assim buscou éla maneira, lhe descobriu inteiramente ao que ia.

«Bimnarder, que logo a creu, porque era mulher, sobre a cabeceira onde pobrementemente estava encostado, se lhe deixaram cair umas ralas lagrimas, cansadas, d'entre contentamento e muita dôr, — que de ambas as duas costumam élas ás vezes vir, as quaes fizeram certa a Enis do grande bem que êle a Aonia queria; e não lhe esqueceu contar-lh'o éla depois.

«Ali estiveram ambos um grande espaço de tempo, e Bimnarder contando-lhe tudo do começo; e detiveram-se tanto que foram suspeitando mal da tardança, se fôra em outro logar; mas a vida do monte não cria suspeitas, como não cria de quem se suspeite mal.

«Mas, contudo, detiveram-se ainda ambos n'esta prática menos do que ambos quizeram, por causa do homem que Enis trouxera.

«Tornada éla aonde Aonia estava, lhe contou tudo, cousa por cousa, que não ficou nada por contar.»



CAPITULO XXVIII

**De como, estando da queda
Binnarder muito doente, Aonia buscou
maneira por onde o fosse visitar**

VEIO assim, por acerto, que perto d'ali havia uma ermida de uma santa de grande romagem, e era então, no outro dia, a vespera do seu dia; e a ama e as mulheres de casa ordenaram ir lá.

«Havia licença de Lamentor para Aonia, e postos a caminho, (que a pé podiam bem andar) ao passar pelo monte, se chegou Enis a Aonia, e disse-lhe que ali era, porque iam já concertadas.

«N'isto, fez Aonia que cansava. A ama disse logo que repousasse um pouco. Mas, d'esta vez, não teve éla maneira para ir aonde Binnarder estava. Foi lá Enis.

«Dê tornada, fizeram ali grande detença.

Buscando achague de querer lá ir para detrás das casas, levando Enis consigo, houve tempo para Aonia entrar aonde êle estava então deitado, contra a outra parte da parede, chorando, porque não vira Aonia ao passar, que bem se pudera êle erguer. E como isto perdêra, cuidava tambem que havia de perder a tornada; porque um mal nunca lhe viera sem outro; pelo que estava no maior pranto do mundo para consigo.

«Entrada Aonia, deteve-se um pouco, e sentiu que êle chorava, e suspirava baixo, de maneira que como, n'aquilo, se forçava a si mesmo.

«Éla, para vêr se poderia saber o porquê, que tudo desejava saber d'êle, deteve-se ainda mais; mas êle, com pensamentos muitos, que sobrevinham ao choro, mais o acrescentava do que o diminuia.

«Assentando-se então Aonia na borda d'aquela sua pobre cama, lhe poz a mão, e quizera-lhe dizer alguma cousa, mas não pôde, que lhe faleceu o espirito.

«Virando-se Bimnarder, e vendo-a, tambem lhe faleceu o seu.

«Estiveram assim ambos um grande pedaço sem se dizerem nada um ao outro; e

êle com os olhos postos em Aonia, e Aonia postos os seus no chão, porque, em se virando Bimnarder, tomou vergonha. Levando-os assim á terra, cobriu-se-lhe o seu formoso rosto de um tanto de côr, alem da natural; e costumava dizer meu pae (porque parte d'esta historia em seu tempo se soubera) que não parecia senão que viera aquella côr como para ajudar ainda mais Aonia contra Bimnarder, tam formosa a éla, formosa, fizéra.

«Mas, estando assim n'isto êles ambos, e não estando êles ambos ali, chegou Enis muito de rijo á porta, dizendo que se queriam já ir, e que a mandavam chamar.

«Assim, foi forçoso levantar-se Aonia, e ir-se, e Bimnarder vêr tudo, e ficar.

«Mas Aonia, que bem via os olhos de Bimnarder como ficavam, tomou uma manga de sua camisa, e, rompendo-a, para remedio de suas lagrimas lh'a deu, significando, na maneira só como lh'a deu o para que lh'a dava; pois parece que a dôr grande que sentia não lh'o deixou dizer por palavras; mas, em lh'a dando, poz os olhos nos seus, dizendo-lhe só assim:

«— Pesa-me, pois a minha ventura, ou

desventura, não quiz que vos eu deixasse de magoar com o que eu não quizera.»

«E estas palavras lhe disse já fóra da porta.

«E com élas, e com o que sentiu ao dizer d'élas, duas a duas, lhe começaram as lagrimas a correr dos seus formosos olhos, e pelas suas faces formosas abaixo lhe iam fazendo carreiras por onde iam, que Bimnarder a tanto pranto convidou quanta era a razão d'êle, pois perdia a vista.

«Foi tanto o choro, que não lhe bastavam os seus olhos ás suas lagrimas, pelo que lhe não pôde então dizer nada. Mas Enis, apressando Aonia com a fala, e com as mãos, quasi puxando-a, e levando-a já, virou-se para êle Aonia, dizendo:

—«Levam-me!»

«E, deixando-se ficar toda com os olhos, se foi assim, enlevada, até que, com a parede das outras casas, passou alem.

«Apartada que éla foi de Bimnarder, êle não se pôde ter que pela outra banda da sua casa se não saísse para aquela parte d'onde se podia ver o caminho que élas levavam; e ali esteve olhando, entretanto a terra lhes deu lugar, e depois, um grande pedaço, em quanto poderiam bem chegar a casa; pois, parece,

folgam também os olhos com a presunção, e descansam em olhar para aquela parte onde está, ou vae, aquilo que podiam ver, se não fôra a fraqueza d'êles, ou o impedimento d'al-guma cousa.

«Mas como lhe pareceu que estaria já em casa, lembrou-se logo do lugar onde éla estivera na sua cama assentada, e com grande pressa se tornou para lá.

«E, entrando, foi-se ali pôr, onde éla estivera d'antes.

«Consigno estava fantasiando a Aonia; ora lembrando-lhe como aquilo fizera, ora como aquel'outro.

«Depois, tomando aquella parte da manga, que lhe deixára, se punha a chorar com éla, de mistura com palavras tristes, como que houvesse éla de o entender.

«N'isto passou aquella doença, em que grandemente toi visitada por Enis; e sarou depressa.

«E, d'aqui até que lhe aconteceu a desventura que vos contarei, se passaram tempos e outras infindas cousas; porque os paços de Lamentor acabaram-se, e pelo apartamento do lugar onde êles estavam, Aonia e a ama, com outras mulheres de casa, iam

passar tempo á ribeira d'este rio, onde Binnarder sempre andava.

«Mas nenhuma cousa ha n'este mundo em que se deva ninguem muito fiar ; que aquella grande segurança em que Binnarder estava, em lugar tam ermo, lhe não pôde durar, como agora vereis.»





CAPITULO XXIX

**De como Lamentor casou Aonia com o filho
de um cavaleiro seu comarcão,
e do que Enis aconselhou a Aonia que fizesse**

«**F**OI assim que a donzela, por quem morreu o cavaleiro da ponte, (como vos hei contado) veio tristemente a acabar por aso da irman viuva que o levou nas ondas.

«E succedeu no castelo um filho de um cavaleiro muito valido e rico n'esta terra, que, por meio de visinhos, desejou a Aonia para mulher, o que foi depressa acabado, pela igualdade d'ambos n'aquilo em que a quizerem aqueles em que estava o «*praz-me*» do casamento.

«Mas, pelo luto de Lamentor, e pelo apartamento de sua vida, não o soube Aonia senão no dia antecedente áquele em que a

haviam de levar para o castelo, — que em sua casa não queria Lamentor ver prazeres, e bem lhe pareceu que se não desconcertaria Aonia do esposo; porque era bem posto cavaleiro, e, dos bens do mundo, abastado; e por isso tambem escusava dizer-lh'o então. Mas não foi assim; que Aonia toda aquella noite passou em um grito.

«Se não fôra Enis, que do seu segredo era sabedora, morrêra ou se fôra por esse mundo; mas éla a consolou, e, com muitas esperanças que lhe deu, não tam sómente a susteve, que não fizesse de si nada, mas antes ainda lhe fez ser contente d'aquella vida e desejá-la; porque lhe dizia que, como os casamentos occupavam aos homens, poderia éla ter a liberdade que quizesse; e, com resguardo, faria o que de sua vontade fosse, o que não poderia fazer na casa onde estava.

«Este conselho foi tomado sem Binnarder saber, porque a brevidade do tempo não deu lugar para isso; mas concertaram-se ambas que ficasse Enis para lh'o dizer ao outro dia, e, depois, mandaria por éla, porque logo determinou pedi-la a Lamentor.

«E veio aquele outro dia; e, como Binnarder não guardasse outro gado, ainda bem

não era manhan, já êle andava pela ribeira d'este rio; e viu vir muita gente a cavallo, e passar a ponte dirigindo-se para os paços de Lamentor.

«Mas não teve então a quem perguntar o que seria aquilo.

«Contudo, não se tirou d'ali, porque logo se lhe revolveu o pensamento, e inclinou a vontade a querê-lo saber; que, pela maior parte, o que ha de ser, dá primeiro sempre na alma; e se andassemos de sobre-aviso facilmente entenderíamos tudo, ou parte, do que nos está para vir.»





CAPITULO XXX

**De como Fileno, o marido de Aonia,
desejoso de a ter em seu poder,
a levou de casa de Lamentor muito acompanhada**

DESCIDOS os de cavallo, estiveram por grande espaço com Lamentor; e, depois, começaram saindo uns contra os outros, fazendo maneiras de prazer.

«E, n'isto, viu Bimnarder donas a cavallo, e viu o fio da gente encaminhar-se para a ponte; pelo que teve ensejo de perguntar a um pagem que cousa era aquella.

«Disse-lh'o êle, seguindo seu caminho; mas Bimnarder não o acabou de crer, tamanho abalo fez no seu cuidado.

«Porém, olhando, viu a Aonia, e com éla, da parte esquerda, o seu esposo, que conhecido ia nos trajos e na comunicação da pratica que entre ambos levavam; porque, como

derradeira cousa, olhava Binnarder, e muito bem viu!

«E Aonia nunca se virou para aquella sua banda, que continuada sempre d'êle era; mas antes, porque ia inclinada para aquella parte onde o esposo ia, pareceu-lhe a êle que o ia muito mais do que éla ainda ia, e que o fazia por acinte. E isto é natural, pois quando uma pessoa vos cae n'um erro, todas as cousas que depois faz, tomaes á pior parte, como aqui aconteceu.

«Ficou Binnarder tam magoado que d'ahi a mais de uma hora não cuidou de nada. E, ao cabo d'êla, virando-se para outra parte, se foi; e não o viram mais.

«N'quele dia á tarde, veio Enis buscá-lo; e, não o achando, perguntou por êle: e disse-lhe outro pastor (que por acaso acertára então de estar perto d'êle, olhando tambem a gente) que, depois d'êla passada, estivera êle um grande pedaço sem se mudar do lugar d'onde estava e sem tirar os olhos do chão, como homem pensativo, em sua maneira. E tanto que êle mesmo olhára para isso, e quizera-lhe falar, senão quando êle, n'isto, virára para outro lado, e, pela ribeira, dando a andar apressadamente, desapa-

recêra, e nunca mais o vira. E já êle mesmo fôra ao monte de seu amo perguntar por êle, para que viesse pastorear seu gado, que andava desmandado, e não o acharam; e que, do monte, tambem o foram buscar por todo este mato, e pareceu a todos que seria ido, porque êle nunca tal costumou; e já outrem andava com o seu gado.

«Ficou Enis toda fóra de si; e logo cuidou que lhe não cumpria ir ver Aonia, nem viver com éla, pois saira tam mal o seu conselho.

«E, tornada para casa, ordenou dilatar a sua ida por alguns dias, para ver se sabia novas de Bimnarder.

«Entretanto, não sabendo nenhuma, e apressando-a Aonia para que lh'as levasse, determinou, contudo, ir; porque, por outra via, cuidou para consigo que com pouco trabalho se lhe tiraria por então Bimnarder do pensamento; que os casamentos, á primeira vista, parecem outra cousa; e senhoras, que d'antes foram presas de amor, logo aos primeiros dias esqueceram todo o passado; mas depois, por cousas e desgostos, que nascem da culpa do longo tempo, ou conversação que traz menospreso, tor-

naram muitas vezes ás lembranças do primeiro.

«Porque n'isto, que Enis consigo cuidou, quiz obedecer a Lamentor, que já, a pedido de Aonia, mandava que a levassem.

«Que vos hei de dizer?

«Ainda bem não chegavam, afastou-se Aonia com éla, mas, sabido o que se passava, chorou muitas lagrimas e maldisse o dia em que nascera.

•Enis, que era avisada, e via que, pois o mal não se podia curar, que se devia dilatar, lhe fez uma fala d'esta maneira :

— «Deixemos, senhora, o pranto, que d'êle não se vos podem seguir senão dous males muito grandes. Um, é que mataes a vós com o choro; e quando, porventura, vier Bimnarder, não vos quereria achar assim, e será esta então maior ofensa para êle; porque est'outra tem desculpa, e esta não a terá para êle, senão se lhe quizerdes dizer que desconfiaveis d'êle, que monta tanto como cuidardes d'êle mal. Ora vêde lá, senhora, convosco, se podereis dar a culpa a quem quereis tamanho bem! Pois, afóra este, tendes ainda outro mal: que correis risco de o saberem vossos parentes, e, como os vossos

prantos sejam tomados em tempo de bodas, não se poderá deixar de suspeitar d'êles mal. E, por aqui, tolher-se-vos-á, porventura, o que póde ser em algum tempo, o que eu espero; porque as lagrimas de Bimnarder não podiam ser sem vos êle querer muito grande bem; e não vos podia êle querer muito grande bem que lhe não doesse muito o que fizestes; e não lhe póde doer muito o que fizestes que, n'algum tempo, não queira saber o como, ou porque, o fizestes; — porque o bem-querer grande faz sentir muito os escandalos recebidos, e crê-los em parte, quanto baste para o sentimento ser maior do que póde ser. Mas, porém, sempre deixa uma duvida lá na crença, para experimentar n'algum tempo, tarde ou cedo, segundo a dôr grande ou pequena lhe dá lugar. Não póde ser que aquilo que vós, senhora, sabeis, não faça duvidar Bimnarder do que fizestes, até se êle desenganar por si mesmo. Ou, se isto não é assim, não ha verdade no mundo nem nos homens !»





CAPITULO XXXI

**Em que se diz a grande dôr que sentiu Aonia
em seu casamento**

«**E**STAS palavras desagastaram a senhora Aonia algum pouco, mas não de todo; que, na verdade, se a deixaram estar só, e ter tempo para perseverar n'este cuidado, não creio eu que éla pudera durar muito.

«Mas era esposada de então, e umas cousas e outras não a deixaram nunca só; espalhavam-se os cuidados.

«Assim, éla, pouco a pouco, foi-se acostumando a viver d'outra maneira; que as occupações de casa, e a desconfiança, ou desesperança, que foi tendo de Bimnarder, lhe fizeram indo ter nas cousas passadas uma sombra de esquecimento, com que éla pu-

dera viver todas as horas da sua vida descansada ou menos cansada, se em alguma coisa d'este mundo houvera segurança.

«Mas não a ha; que mudança possui tudo!...»



INDICE



INDICE

	Pag.
CAPITULO I— Em que a donzela começa a sua historia	5
CAPITULO II — Em que a donzela vae proseguindo a sua historia	13
CAPITULO III — Da conta que a dona dá á donzela da sua vinda áquella terra.....	27
CAPITULO IV — Das palavras que a dona com a donzela passou.....	35
CAPITULO V— Do que Lamentor passou n'aquella parte onde foi aportar com a sua nau, e da batalha que teve com o cavaleiro da ponte, e do que mais lhe succedeu.....	39
CAPITULO VI— Em que se diz a razão por que o cavaleiro da ponte sustinha aquele passo, e de como sua irman ali veio ter.....	47
CAPITULO VII — Como, depois de partida a irman do cavaleiro da ponte, por aprazer aquele lugar a Lamentor, ordenára fazer ali seu assento	55

	Pag.
CAPITULO VIII — De como a Belisa vieram em crescimento as dôres do parto, e, parindo uma creança, faleceu.....	59
CAPITULO IX — Do pranto que Aonia fez pela morte de sua irman Belisa.	65
CAPITULO X — De como Narbindel, vindo combater com o cavaleiro da ponte, vendo o pranto que se fazia na tenda de Lamentor, entrou dentro para o consolar.....	69
CAPITULO XI — De como se deu sepultura ao corpo de Belisa, e do pranto que com êle fez Lamentor.....	73
CAPITULO XII — Do que succedeu ao cavaleiro que saiu da tenda, vencido do parecer e formosura da senhora Aonia.....	79
CAPITULO XIII — Em que se diz quem fosse Cruelcia, e do que o cavaleiro passou com o seu escudeiro.....	81
CAPITULO XIV — De como, partido o escudeiro do cavaleiro da tenda, entrou em pensamentos de como se apartaria d'êles, e mudaria o nome.....	85
CAPITULO XV — De como Bimnarder soube de um servidor de Lamentor que este ordenava fazer ali uns paços, e do mais que lhe aconteceu com a sombra que lhe appareceu.....	89
CAPITULO XVI — De como, estando Bimnarder muito pensativo no que faria, viu de subito vir o seu cavalo fugindo de uns lobos que o queriam matar.....	93

	Pag.
CAPITULO XVII — De como Bimnarder assentou vivenda com o maioral do gado, e do que a donzela passou com a dona em sua historia.....	101
CAPITULO XVIII — Em que a ama dá razão á donzela da cantiga de Bimnarder.....	109
CAPITULO XIX — De como conta a ama á senhora Aonia o que vira fazer ao pastor, acabada a cantiga.....	113
CAPITULO XX — Da peleja que o touro do pastor teve com outro alheio, e de como o matou, a qual Aonia estava vendo do eirado..	117
CAPITULO XXI — De que maneira Bimnarder se viu com Aonia	125
CAPITULO XXII — De como Bimnarder, estando na fresta da camara de Aonia, se poz devagar a ouvir a ama.....	131
CAPITULO — XXIII — Do singular conselho que deu a ama á senhora Aonia, pelo que suspeitou de seus amores.....	133
CAPITULO XXIV — Em que se conta o mais que a ama passou com a senhora Aonia, ácerca de Bimnarder.....	139
CAPITULO XXV — De como Bimnarder, pela fresta do aposento de Aonia, lhe falou....	143
CAPITULO XXVI — De como Bimnarder, estando na fresta de Aonia, adormeceu, e se lhe foram, por sonho, os pés, e caiu.....	147
CAPITULO XXVII — De como a ama, sentindo de noite o estrondo da queda, o que sobre isso fez quando foi manhan.....	149

COLLEÇÃO HORAS DE LEITURA

PUBLICAÇÃO DE VOLUMES DE 200 A 300 PAGINAS, A 200 RÉIS

Obras publicadas

1 a 4 —	IVANHOÉ , romance de Walter Scott, (esgotado).....	200
5 —	O FRADE NEGRO , romance de Clemence Robert, (esgotado).....	200
6 a 7 —	AS SEMI-VIRGENS , romance de Marcel Prévost, 2 volumes ilustrados (2. ^a edição).....	400
8 —	WERTHER , romance de Goethe, 1 vol. ill., (esgotado).	200
9 —	MADAME FLIRT , de Jacques Yvel.....	200
10 a 12 —	A TABERNA , (L'Assomoir) de Emilio Zola, (esgotado)	600
13 —	O VIGARIO DE WAKEFIELD , de Goldsmith.....	200
14 —	A VIDA AOS VINTE ANNOS , de Alexandre Dumas (filho).....	200
15 —	A AGUA PROFUNDA , de Bourget.....	200
16 —	O DOMINÒ AMARELLO , de Marcel Prévost.....	200
17 —	CORTEZÃ , de A. Belot.....	200
18 —	O ROSQUEDO , de Delfim Guimarães.....	200
19 —	OS VAGABUNDOS , de M. Gorki (2. ^a ed.) (esgotado)	200
20 —	A ESCRAVIDÃO MODERNA , de Tolstoi, (esgotado)	200
21 —	OS DEGENERADOS , de M. Gorki, (2. ^a edição).....	200
22 —	A DAMA DAS CAMELIAS , de Dumas (filho), (esgotado)	200
23 —	AS VIRGENS , de Gabriel d'Annunzio.....	200
24 —	NA PRISÃO , de M. Gorki.....	200
25 e 26 —	A CATHEDRAL , de Blasco Ibañez.....	400
27 —	VARENKA OLESSOVA , de M. Gorki.....	200
28 —	O JARDIM DOS SUPPLICIOS , de Mirbeau.....	200
29 —	SAUDADES , de Bernardim Ribeiro.....	200

Volumes no prelo**NA ESTEPPA**, de Maximo Gorki**SAPHO**, de Daudet.**NAMI-KO**, romance japonês, de Kenjiro Tokutomi.**A seguir**

Romances de Bourget, Zola, Tolstoi, Dumas filho, Prévost, Balzac, Sudermann, Goncourt, Dickens, Maupassant, Ibsen, Theuriot.